OUISE HUFF

25 DE
AGOSTO

Para todos...

ANNO V · NUM 245

PREÇO 1$000

As futuras estréas

(ATRAVEZ DA CRITICA NORTE AMERICANA)

OS SEIS MELHORES FILMS DO MEZ

Safety Last (*Pathé N. Y.*)
Bella Donna (*Paramount*)
Grumpy (*Paramount*)
Enemies of Women (*Cosmopolitan*)
The isle of lost ships (*First National*)
Souls for Sale (*Goldwyn*)

AS SEIS MELHORES INTERPRETAÇÕES

Theodore Roberts em *Grumpy*.
Pola Negri em *Bella Donna*.
Harold Lloyd em *Safety Last*.
Lionel Barrymore em *Enemies of Women*.
Milton Sills em *The isle of lost ships*.
William Collier Jr. em *Enemies of Women*.

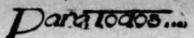
Grumpy, da Paramount, com Theodore Roberts — E' um velho melodrama que no palco celebrisou Cyril Maude. A transposição da peça theatral para a tela foi bem feita. Theodore Roberts soberbo no papel principal, bem coadjuvado pelos outros artistas e a direcção satisfactoria. Boa diversão.

Enemies of Women, da Cosmopolitan, com Lionel Barrymore e Alma Rubens — E' uma novella de Blasco Ibañez, que como se vê continúa a fornecer magnifico material para o cinema. Enscenação que deve ter custado muito caro, esse film fornece um lindo espectaculo em que ha lindas *toilettes*, formosas mulheres, interiores luxuosos, bonitas paysagens. Lionel Barrymore tem um magnifico trabalho.

Bella Dona, da Paramount, com Pola Negri — Parece que foi feita com excesso de pavor da censura, com a visivel preoccupação de fazer de Pola Negri uma peccadora sympathica. Isso fez perder á artista seu grande poder de seducção. Entretanto, Pola é uma grande artista. Nas situações mais absurdas e artificiaes do film ella consegue demonstrar a segurança da sua arte, sem a espontaneidade, aliaz, dos papeis de *Mme Dubarry* e de *Carmen*. Conway Tearle representa o papel de Barondi, o chefe arabe, mas nem o turbante nem as babouchas, nem o moreno artificial da face conseguem disfarçar suas espirituosas feições irlandesas. Arregala os olhos ferozmente para Pola, mas não consegue com seus gestos e ademanes fazer esquecer os seus modos gentis e cavalheirescos de homem finamente educado. O papel requeria um Valentino. Conrad Nagel e Lois Wilson um pouco automaticos. Parecem de *papel maché*. Technicamente, o film é muito superior ás producções extrangeiras de Pola. Só.

Safety Last, da Pathé N. Y., com Harold Lloyd — E' o melhor trabalho d'esse comico até o presente, que ha de dar rios de dinheiro aos exhibidores. O riso provocado atravez de peripecias destinadas a excitar os nervos do espectador (grande parte das scenas se passa nos arranha-ceus de New York) attinge ás proporções da histeria. E' um film em sete partes, a maior comedia feita até agora e, entretanto, quando chega ao desfecho, a gente tem a sensação de ter visto duas sómente. E' um dos grandes films do anno.

The isle of lost ships, da First National — E' um drama maritimo que se passa entre os tres unicos sobreviventes de um naufragio, uma mulher e dois homens, um policial e um preso accusado de assassinato, embora innocente. Milton Sills tem um papel soberbo. Muito movimentado, muito melodramatico. Maurice Tourneur dirigiu-o magnificamente.

Souls for Sale, da Goldwyn, escripto e dirigido pelo famoso Rupert Hughes — Passa-se entre gente de cinema, mostrando o caminho que tem de fazer uma *extra* para chegar a estrella. Curiosos incidentes da vida dos "studios", com uma pequena intriga e villanias.

Agrada tão interessante é a historia, que nos parece, entretanto, muito artificial.

LOST AND FOUND, da Goldwyn — E' mais um drama dos mares do sul, interpretado por um lote de bons artistas. Convencional e conhecido.

THE LEOPARDESS, da Paramount — Dá ensanchas a Montagu Love de uma excellente caracterisação. Se elle morresse no primeiro acto, como acontece no quinto, o film seria melhor.

LITTLE CHURCH AROUND THE CORNER, da Warner Br. — Não é tão ruim como o prologo fazia prever. Bons artistas. Alguns episodios lembram "O homem miraculoso".

VANITY FAIR, da Goldwyn — Extrahido da famosa obra de Thackeray, dirigido por Hugh Ballin, póde ser visto sem arrependimento.

THE WHITE FLOWER, da Paramount, com Betty Compson, que nunca nos appareceu tão bonita e tentadora. E' uma historia falsa. Demais, os outros artistas não a secundam. Os admiradores de Betty, entretanto, gostarão do film.

THE GLIMPSES OF THE MOON, da Paramount, dirigido por Alan Dwan — Tem de tudo: direcção, interpretação, *toilettes*, paysagens e um bom enredo. Que mais desejar?

THE TRAIL OF THE LONESOME PINE, da Paramount com Mary Miles Minter e Antonio Moreno, na eterna historia da rapariga innocente das montanhas da Virginia e do *extrangeiro*... Bom Ernest Torrance no seu papel.

THE WOMAN OF BRONZE, da Metro — Offerece margem a Clara Kimball para uma interpretação realista da esposa que depois de provações tremendas consegue ver reconhecidas as suas qualidades. John Bowers figura.

BRASS, da Warner Br. — E' a transposição adulterada de um bello estudo de Ch. Norris sobre o matrimonio e o divorcio, para a tela. Marie Prevost e Harry Myers contribuem para esse crime.

THE TIGER'S CLAW, da Paramount, com Jack Holt — E' a historia de um engenheiro americano que se casa na India com uma mestiça e depois surge a moça branca dona antiga do seu coração, apparecendo ahi venenos e cerimonias religiosas, o Diabo. Afinal, tudo acaba bem.

SUZANNA, da Allied Prod. — E' um film de Mack Sennett, com Mabel Normand, que não contribuirá para augmentar a fama nem de um nem da outra.

MODERN MARRIAGE, da American Releasing — Marca a reapparição de Francis X. Bushman e Beverly Bayne e marca bem, pois o film é bem superior á média habitual.

THE SUNSHINE TRAIL, da First National e producção de Thomas Ince — E' uma historia de cuja verosimilhança só o talento artistico de Edith Roberts, sua principal interprete, nos poderá convencer.

SODOMA E GOMORRHA — E' film austriaco, com Lucy Doraine a tentar um sacerdote.

QUICKSANDS, da American Releasing, com Helene Chadwick e Richard Dix — E' um sombrio melodrama das fronteiras do Mexico. Bons artistas.

THE LION'S MOUSE, da Hodkinson, com Marguerite Marsh — E' historia de roubo de perolas, que, apesar de episodios absurdos e convencionaes, diverte.

MASTERS OF MEN, da Vitagraph — E' uma historia da guerra hispano-americana, com Cullen Landis e Earle Williams, Wanda Hawley e Alice Calhoun todos muito bons.

ESCANDALO DA VILLA, da Universal — Apresenta-nos Gladys Walton em um papel de corista e pinta a eterna lucta entre a vida das grandes cidades e os preconceitos provincianos.

THREE JUMPS AHEAD, da Fox, com Tom Mix e o seu cavallo na eterna historia do Oeste — Cheio de bandidos, intrigas, actos de heroismo, etc.

Pollah Creme
da
American Beauty
Academy
Artigo primeiro:
FICAM ABOLIDAS AS CUTIS FEIAS. — A MAIS BELLA METADE DO GENERO HUMANO FICA ENCARREGADA DA EXECUÇÃO DO PRESENTE DECRETO
POLLAH
Se chega o momento em que V. Ex. nota as prematuras rugas ao redor dos olhos, as manchas no rosto, pelle flacida e sem brilho da juventude — cravos, vermelhidões, espinhas, cutis aspera e resequida, deve "fazer alguma coisa" para impedir o progresso dessas imperfeições e dar nova vida e belleza á cutis.
Essa "alguma coisa" é o CREME POLLAH.
Ao CREME POLLAH está destinada a missão de distribuir a felicidade e alegria ás senhoras e moças, devolvendo ao rosto a sua perfeição, o aspecto de juventude, fazendo ABSOLUTAMENTE desapparecer as RUGAS, ESPINHAS, CRAVOS, MANCHAS; dando DIARIAMENTE á pelle a "suavidade e o colorido" da primeira juventude. POLLAH, o maravilhoso CREME DA AMERICAN BEAUTY ACADEMY, representa a ultima palavra da sciencia dermatologica e nada o iguala para embellezar, conservar, e curar as imperfeições da cutis. Como CREME DE TOILETTE deve ser usado o POLLAH diariamente para dar a "côr clara, suave, parelha e adherir o pó de arroz", protegendo ao mesmo tempo contra o vento, sol, poeira e calor.
Haverá por acaso algo que proporcione a uma senhora maior prazer que a certeza de sentir-se admirada?
POLLAH proporcionará essa certeza!
Essa é a admiravel missão do POLLAH.
Para maior efficacia do emprego do CREME POLLAH, enviamos, gratuitamente, a quem nos enviar o endereço, o livrinho A ARTE DA BELLEZA; nelle se encontram todos os conselhos para hygiene e embellezamento da cutis e cabellos.
PARA TODOS — Córte este "coupon" e remetta aos Srs. Reprs. da AMERICAN BEAUTY ACADEMY — Rua 1.º de Março, 151, sobrado — Rio de Janeiro.
NOME.......................
RUA.......................
CIDADE.............. ESTADO..............
SUAVE COMO UMA CARICIA — CUTIS BRANCA — UNIDA — CÔR DE SAUDE
A GRAÇA E A SEDUCÇÃO PODEM SER OBTIDAS E A VELHICE RETARDADA.
ABA

Para todos...

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1923

S I . . .

MEU apartamento é n'uma rua quieta, sem visinhos barulhentos. Apesar de quasi no centro da cidade, não chegam até o meu quarto andar os grandes rumores da vida citadina. Cinco compartimentos onde mora um pouco das coisas ajuntadas pela vida, pelas viagens, pelo passado.

As unicas creaturas que os conhecem são a creada do andar, velha de cincoenta annos, que falla sósinha, e algumas creaturas de menos edade e mais sentimentaes, que aqui vêm, quando eu as chamo, dar um pouco de infantilidade feminina á quasi casmurrice d'este silencio interior.

Como visinhos de andar só tenho uma senhora de trinta e poucos annos, dona de uma extranha bellesa, que usa um veu pesado de viuvez e talvez de misanthropia, uma petisa de dose annos, sua filha, e uma creada surda. D'ellas, a unica que parece notar que eu existo é a petisa loura, que me distingue, nos nossos raros encontros na escada, com um bonjour suave, n'uma voz encantada, de um rouco exquisito, feminino e mysterioso.

Eu moro sósinho e, na vida, tenho como amigo e confidente apenas a minha sombra. Não tenho cães, não tenho gatos, não tenho parentes, nem amigos, nem conhecidos intimos.

Para os creados do meu restaurant, do meu bar, e para os restos das gentes que me conhecem, eu não passo de um exquisitão, um maniaco, um philosopho... Não os contradigo por gestos ou palavras. A opinião do proximo não me interessa, não me toca, não me attinge, não me commove. Acham tudo isso, talvez, porque eu não converso e amo ficar horas e horas na minha mesinha de bar, ouvindo a orchestra, bebendo champagne e revendo umas velhas memorias de cá-dentro.

Entretanto eu não prejudico a ninguem com o meu silencio ou o meu vinho espumante. Amo ser sósinho e amo beber champagne. Os freguezes olham-me quando chego, extranhamente, como si eu fôra uma creatura de um outro mundo. A principio, aquella curiosidade me molestou. Mudei de bar, de restaurant. Nos outros a curiosidade era a mesma. Voltei então ao meu antigo bar. Elle tem um violinista velho, de olhos soffredores, que me agrada, e o meu garçon não é tagarella. A curiosidade continuou a mesma, não mudou. Comprehendi que não tinha rasão de queixa: eu tambem não mudei.

Ha annos, quando comecei a trabalhar, um velho commerciante me disse:

— Sei que deve ter desgostos profundos. Não quero saber d'elles. Eu tambem os tenho e nunca os disse a ninguem. Não vivo, por isso, de cara fechada e mudo. Quem quer vencer na vida é preciso fallar muito e sorrir muito. Assim, sem sorrir e sem fallar, não vencerá nunca...

Fiquei tres annos em sua casa. Sentia que elle devia ter uma grande ternura por mim, mas, durante os tres annos não trocámos trinta palavras. Alli aprendi a trabalhar, alli desenvolveu-se em mim essa especie de videncia em negocios, que me destacou como um eleito da fortuna, em todas as terras onde andei. Quando me retirei, reteve-me a mão e fallou com doçura:

— Eu não tenho filhos, estou velho. Em tres annos o senhor fez de minha casa, de modesta que era, uma das maiores da cidade. Por que não fica como meu socio? E' a quarta vez que lhe faço esta proposta. Não se recorda de sua entrada para aqui e de minhas palavras? Vejo que me enganei na prophecia. Nunca o vi sorrir, raramente ouvi sua voz, entretanto, não me convencerei nunca que possa existir no mundo um genio commercial maior que o seu.

Agradeci, mas recusava. Dei-lhe uma ultima indicação de negocio.

— Antes de partir quero indicar-lhe um negocio. Dispõe, actualmente, de pouco mais de quatro mil contos em dinheiro livre. Deve empregal-o em café.

— O café tem baixado formidavelmente...

— Não se preoccupe com a baixa.

— Comprarei. Terá a metade dos lucros.

— Não lhe indiquei o negocio com essa intenção, respondi asperamente, sentindo vir do fundo de minha alma essa susceptibilidade feroz que me isolou do mundo.

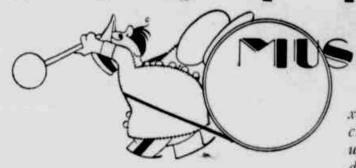
— Não tenho intenção de magoal-o. Não quer ser socio de minha casa, que tudo lhe deve, seja, ao menos, meu socio n'esse negocio.

Havia lagrimas nos seus olhos. Vencido, accedi. Dias depois embarquei para a Europa. Quatro mezes depois recebi em Londres os cinco mil contos que me tocaram dos lucros d'aquella compra. Esse dinheiro foi a base de minha fortuna. No fim do meu primeiro anno em Londres, eu já me fizera notado nas rodas da Bolsa. No anno seguinte já era conhecido. No terceiro, era celebre, e era temido por todas as celebridades das finanças inglezas. Creou-se em torno de mim uma lenda que não morreu: Eu era um homem gelado, taciturno, uma especie de doido de genio a quem a fortuna não desamparava um só instante. Londres fazia-me mal. Viajei. Em New York os negocios tentaram-me. Eu que previa todas as altas e todas as baixas, joguei toda a minha fortuna, que daria, talvez, para enriquecer um povo, contra o que a minha videncia me aconselhava. Queria ter uma sensação unica, de duvida, de quasi certesa de uma miseria irremediavel. Houve quebras violentas, fallencias que abalaram os meios commerciaes de todos os paizes. Eu ganhei, fui o unico a ganhar na partida monstruosa d'aquella colossal roleta que tem tableaux em todos os cantos do Universo. Não teria mais sensações. Não era eu quem descobria os caminhos da fortuna, para seguil-os, era ella que procurava os meus caminhos, para seguil-os. Tentei despistal-a. Fui ao maior dos clubs de jogo da America. Jogavam roleta. Entrei fazendo pequenas paradas afim de ver si ella me acompanhava. Joguei dezesete vezes e dezesete vezes a bola de marfim, obediente, cahiu nos numeros em que eu jogava. Finda a decima setima parada, o banqueiro declarou fallida a banca e o club. Nunca mais joguei. Os negocios aborreciam-me. Abandonei-os. Viajei. De polo a polo a minha sombra acompanhou-me silenciosa. O tumulo pobre de meu pae chamava-me de longe, n'uma saudade. Voltei. E aqui estou n'este canto quieto, onde morei antigamente, sósinho como em Londres, como em New York, como em todos os cantos da terra onde meus passos me levaram, mas tranquillo, com a minha solidão e a minha sombra.

D E A B R E U

"PARA TODOS..."
EM
SÃO PAULO

A' sahida
da missa em Santa
Cecilia.

MUSICA PARA TODOS

Hilda Teixeira da Rocha não era um nome desconhecido do nosso meio musical. Depois de conquistar seguidamente o Primeiro Premio do Instituto e o Premio Alberto Nepomuceno, a distinctissima pianista apresentou-se perante o publico e a critica, interpretando a difficillima "Phantasia Hungara", de Liszt, com a grande orchestra da Sociedade de Concertos Symphonicos, sob a regencia do maestro Francisco Braga.

Toda gente sabe que a execução de uma peça de piano com acompanhamento de orchestra, exige, por parte do solista, condições de firmesa e de calma que, só por excepção, se podem demonstrar quando apenas se termina o curso academico.

Mlle Hilda Teixeira da Rocha, entretanto, desempenhou-se do seu compromisso de modo a conquistar ruidosa acclamação da platéa e unanimes louvores da critica, no dia immediato.

Esse concerto repercutiu como uma das notas mais interessantes da temporada musical, assegurando a Mlle Hilda Teixeira da Rocha um dos mais brilhantes logares entre as pianistas brasileiras.

D'ahi o enthusiasmo que o seu recital de 9 do corrente despertou entre os que se interessam pelas manifestações da boa arte, as quaes accorreram a levar á gentil concertista o seu applauso incondicional.

Instituto Nacional de Musica. Aula de solfejo, da Professora Sylvia Brito e Cunha.

Na execução do programma ella patenteou, mais uma vez, as preciosas qualidades artisticas de que é dotada: technica admiravel, brilhante, limpida, a serviço de um temperamento de eleição, que tem o dom excepcional de communicabilidade e de emotividade, não muito communs em pianistas de sua edade.

A sua interpretação procura aprofundar o verdadeiro sentido das paginas musicaes que lhe passam sob os dedos, podendo-se dizer que, para Mlle Hilda Teixeira da Rocha, cada peça é um romance que tem a sua significação, em phrases que são poemas, em trechos que são estrophes, que são arroubos e que são caricias, que são queixumes e que são segredos, que são allucinações e que são gritos de tortura, de afflicção e de desespero! E tudo isso, que é a vida de cada pagina musical, que é o detalhe de cada poema e que é a grande bellesa da sua arte, Mlle Hilda Teixeira da Rocha desvenda no seu repertorio e faz sentir áquelles que têm a fortuna de ouvil-a ao piano.

Que ella reuna aos applausos que recebeu no seu recital, os nossos, que são dos mais enthusiastas e sinceros.

☆

Laura Schmidt Mendes, Nancy Vianna, Nelia da Fonte e Souza, Waldemar de Almeida, Waldemar Navarro e Licinio Morisson, foram os seis nomes que constituiram o programma da audição de alumnos do professor Luciano Gallet, realisada no Instituto, a 10 do corrente.

Todos elles revelaram adeantamento e apreciaveis dotes pessoaes, tendo recebido applausos animadores com a execução dos numeros que lhes couberam no programma.

B. Quadros

NO INSTITUTO DE MUSICA

M. dos S. M.

Foi alumna em tempos que já lá vão muito longe... Hoje é apenas docente de piano. Amanhã... Amanhã que será?

Tudo está dependendo do resultado das combinações que a professora M. dos S. M. está a fazer com o professor Góes.

Combinações, intrigas, perfidias, ou o que quer que seja, o facto é que os dois vivem de cochichos; e d'ahi a esperança de que D. M. dos S. M. seja amanhã mais uma cathedratica de piano.

Cochichos cavatorios, resmunga-se lá dentro. Cochichos diplomaticos, diria o maestro Villa-Lobos...

☆

A. V.

Mlle cantava o "Suicidio", da "Gioconda", no ultimo Exercicio Publico do Instituto.

Toda gente percebia a sua pouca vontade de suicidar-se, n'aquelle domingo luminoso, em que a volta do sol como que a todos chamava á vida.

Mlle estava meio desanimada, sem coragem, acovardada...

Mas era preciso! Era do programma!

Que fazer?

Mlle A. V. tomou a deliberação de desempenhar-se do que lhe cabia. E começou, n'um esforço, que a todos commoveu:

— Suicidio!

E foi por alli afóra.

Quando terminou, a Assistencia estava businando na porta, pois tinha sido chamada para acudir á professora Nicia Silva, que havia desmaiado de emoção.

Mi-Mi

O homem é, evidentemente, feito para pensar; é toda a sua dignidade e o seu merito, e todo o seu dever é pensar como se deve pensar. — Pascal.

Toda vez que sentires grande vontade de fazer alguma coisa, pára e reflexiona, afim de saber se aquillo que tão ardentemente desejas é digno. — Tolstoi.

MISTINGUETT

(Caricatura de Luiz)

Bata-clan

"Arco Iris" na "Velasco". O Theátro cheio.
Aqui, um braço nu se agita leve.
Alli freme um pedaço alvo de seio...
As toilettes *são brancas como a neve.*

Uma senhora de cabeça louca
Move de manso a nivea ventarola.
Com um sorriso de esgrima á flor da bocca...
E' positivamente uma hespanhola.

De Andaluzia? De Madrid? Sevilha?
Não sei, mas pela bocca ensanguentada
Deves ser, se não érro, minha filha,
Flor da aristocracia de Granada.

Corre um "frisson" nos nervos da platéa...
As bailarinas dançam, aereas, finas...
A gente não consegue dar idéa
Vaga do encanto d'essas bailarinas...

O professor Gudin 'stá commovido.
Ao meu lado, um senhor gordo se ageita
E murmura entre dentes o bandido:
— Olha a quarta da esquerda pr'a a direita!

Olhei. Tinha razão. Que maravilha!
E o homemzinho explicou: Eu a conheço.
Chama-se Carmencita e é de Sevilha...
Já sei até qual é seu endereço.

O juiz Fontainha, o Celso Vieira,
Fremem, tomados de emoção extranha,
Vendo passar no palco, alviçareira,
A velha, heroica e allucinante Hespanha.

O Segreto não pára de contente
Porque o publico applaude com loucura.
E o Luiz Peixoto, de uma frisa escura,
Estica o seu nariz inconveniente.

Eu, na vertigem do melhor peccado,
Ponho deante dos olhos tres binoculos
E o Alvaro Moreyra, allucinado,
De momento a momento, tira os oculos..

A ôlho nu vê-se mais, embora a gente
Tenha a vista cançada, não concorda?
Todo o cançaço, inevitavelmente,
Na Companhia do Velasco, acorda...

JOÃO DA AVENIDA

Na *Rôtisserie*, domingo, quando alli se realisou o almoço offerecido ao grande jornalista Dr. Julio de Mesquita, director do *Estado de S. Paulo*, por um grupo de amigos e admiradores. Foi uma festa de cordialidade e intelligencia, e os discursos pronunciados pelo senador Lauro Müller e pelo homenageado tiveram uma alta e nobre repercussão.

O HOMEM DAS ANECDOTAS...

— Iamos silenciosos, pela avenida deserta... Não te recordas? Parecia que um medo nos tomava: era o medo de nós mesmos, talvez o terror da nossa propria sombra... Caminhavamos n'um medroso silencio. Tu não erguias os olhos, e eu tinha os olhos baixos, os olhos muito baixos, postos na calçada... E a nossa sombra como que se prolongava; prolongava-se até dentro de nós, até o mais fundo de nossa alma... Tu não dizias palavra. Eu seguia calado. Iamos n'um angustioso automatismo, os passos eguaes, e um egual medo, um fino, um penetrante medo sobrenatural... Ninguem, pela avenida. A cidade dormia o somno cançado da meia noite. Os nossos passos echoavam n'uma cadencia monotona... E se os precipitassemos? Seria a desgraça! Não nos pertenciamos: eramos a presa do nosso pavor silencioso. Um automovel riscou o vasio da avenida, rapidamente. Estremecemos. Foi um longo, um diabolico estremecimento... E foi quasi uma agonia. A nossa vida estava despedaçada! Fôra interrompido o nosso destino! Uma força não deveria projectar-se, e esta força se projectara... O automovel desappareceu, e nós seguimos, cambaleando...

Outra vez — não te recordas? foi n'uma grande sala illuminada... Uma sala de cabaret. *Nós nos deixavamos embriagar pela volupia que errava esparsa no ambiente... Deixavamo-nos prender pela volupia banal. Em teus olhos, o reflexo das luzes tinha um brilho mau, e em meus olhos fluctuava a fórma perversa das dançarinas... Por ultimo, o* jazz-band *desvairou-nos. Acordou em nós a festa dos sentidos... Subitamente, sentiste qualquer coisa de extranho. Tambem eu senti qualquer coisa de extranho... Parecia — não parecia? — que as luzes começavam a empallidecer, e que as dançarinas desfaziam o rhythmo dos seus movimentos n'uma cadencia arrastada... Parecia que as dançarinas se immobilisavam. E que as luzes todas se iam apagando. Ficámos a contemplar aquelle doloroso festim de corpos marmorisados, — o festim do silencio e da sombra... Nenhuma voz chegava aos nossos ouvidos. Tinhas os olhos bem abertos, e eu tinha os olhos arregalados. Tomou-nos um grande pavor... o pavor de nós mesmos, da nossa insignificancia e do nosso isolamento. Não viamos nada! Não escutavamos nada! E um grande pavor feria o nosso isolamento... Não me lembro como sahimos d'alli... — Você não póde beber, fica logo a dizer tolices!...*

CARLOS DRUMMOND

Grupo feito durante a festa em commemoração do Centenario da Independencia do Pará, realisada nos salões do Centro Paulista.

"PARA TODOS"... NA ESCOLA NORMAL

4.º ANNO

M. M.

Clara, loura, de olhos azues, a diaphana creatura que perfilamos é talvez a mais melindrosa das "lindas creaturas". Alma de artista, musa incomparavel de poeta conhecido, inspiradora de grandes paixões, quando fala, o "charme", a graça "exquise" que possue na sua melodiosa e requebrada toada de falsete faz muita gente perder a cabeça.

Tudo sabe, tudo vê, tudo ouve, tudo commenta e vae a todo logar, mas todos lhe querem bem. Não ha certamente em todo Rio um só representante do sexo masculino que já lhe não tenha rendido suas homenagens. Pudera! são tantos os seus encantos!

E entretanto está delicada, fragil, vaporosa, quasi etherea creatura, tem sua predilecção especial por um rapagão forte e espadaúdo, que tem uma força...

E eu que sou tão fraquinho!!!...

N. N.

Festa do bailarino Mario Fontes na escola de dança Margot-Milton

No Curso Angela Vargas Barbosa Vianna durante a ultima festa alli realisada, com applausos unanimes

✣

"PARA TODOS"... NO MINISTERIO DA AGRICULTURA

A. B.

Como Camões, viu a nossa perfilada a primeira luz do dia no decantado "Jardim d'Europa á beira-mar plantado", onde passou os primeiros annos da sua juventude ao lado de poetas e escriptores, d'ahi o ter-se tornado uma moça intelligente, instruida e illustrada, a ponto de poder ensinar o A B C ás sobrinhas do grande Guerra Junqueiro.

Forçada por Cupido veiu para o Brasil, onde passou pelo desgosto de perder o esposo bem amado, e, depois de alguns annos de triste viuvez, eil-a... no Ministerio, continuando como em Portugal a ser uma moça illustrada, instruida e intelligente.

Predestinada a inspirar grandes paixões, logo no começo da sua vida de funccionaria poz em triste estado o coração e a musa de conhecido poeta jornalista e seu collega. Muito amiga do Brasil demonstra sua amisade em actos de patriotismo, deixando-se adorar por um garboso capitão de vastos bigodes e ar marcial. Excellente musicista, vive actualmente a cantar um hymno á Bandeira, dando occasião a que uma sua travessa colleguinha que como o Pathé Journal — tudo sabe — tudo vê e tudo informa — discretamente nos dissesse: Cantar, ella canta, e bem, mas... coitadinha... não entôa...

CLIO

COMEDIAS E COMEDIANTES

Durante muito tempo era voz corrente, e hoje em dia ainda ha quem, por ahi, continue a propalar que o cinema é um inimigo do theatro.

Os fanaticos da arte dramatica vêem na carreira triumphante do cinema a causa da morte do theatro e levam o exaggero de suas convicções a ponto de attribuir á arte muda a decadencia da arte de representar. A carencia de actores é manifesta, de facto.

Ha, evidentemente, n'essas affirmativas, mais ou menos sinceras, um attestado de espirito rotineiro desconcertado pela innovação, senão despeitado pelo progresso de uma arte que corresponde ás condições da vida moderna, embora, incontestavelmente de mais facil representação. Não vá pensar-se pelo dito, que pretendemos diminuir o valor do actor cinegraphico: elle deve possuir todas as qualidades de exteriorisação do seu collega theatral, excepto a da palavra — que é substituida pelas legendas. Ora, a nosso ver, na palavra é que reside uma das maiores, senão a maior difficuldade da interpretação de qualquer peça. Para traduzir n'um gesto, n'um movimento e n'uma expressão physionomica um estado de alma, são, na verdade, necessarias notaveis faculdades mimicas, mas adaptar a essas faculdades intonações de voz e justesa de inflexões para exprimir os mais variados sentimentos, não será mais elevado esforço e não exigirá maior desdobramento de dons naturaes e de estudo, dirigidos por uma intelligencia mais cultivada?

Não ha que contradizer.

O prazer do cinema corresponde ao estado actual dos costumes e á insaciabilidade do espectador que já não se contenta com o desdobrar de um drama em dois ou tres ambientes limitados ao espaço de um palco e que já não soffre apenas a impaciencia de saber, mas tambem a de ver. A sua exigencia vae mais longe: busca os imprevistos panoramas, a verdade e o imprevisto da naturesa.

Entre as duas artes ha uma affinidade innegavel. São manifestamente irmãs e terão de caminhar lado a lado.

Emilia Caballé, da Companhia Velasco, a companhia *mascotte*, que tem attrahido ao S. Pedro todo o alto mundo carioca.

Apenas, ha um perigo para a cinegraphia: as imagens que são agora o encanto do publico, mais tarde, desacompanhadas de toda a poesia — porque a soffreguidão das platéas acabará por fazer eliminar as legendas, — fatigarão os olhos então desinteressados porque viram demasiado em pouco tempo. Ao passo que o verbo oral do theatro não deixará jámais de commover ou de provocar o riso. A esse tempo, a arte dramatica terá conquistado a atmosphera real, o scenario preciso e a encenação exacta, n'um culto perfeito ao natural e á verdade palpitante.

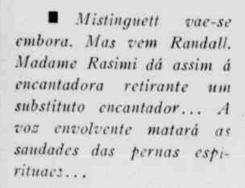
Mas querem uma prova provada de que o cinema não faz mal ao theatro?

Léa Candini, *estrella* da Companhia Italiana de Operettas, que estréa, quarta-feira proxima, no Theatro Republica, com a *Condessa Bailarina*, um dos grandes exitos das temporadas viennenses.

Os cinemas do centro apanham enchentes sobre enchentes... Pois bem, os nove theatros que estão funccionando, — e tres a preços caros, — vivem n'um mar de rosas...

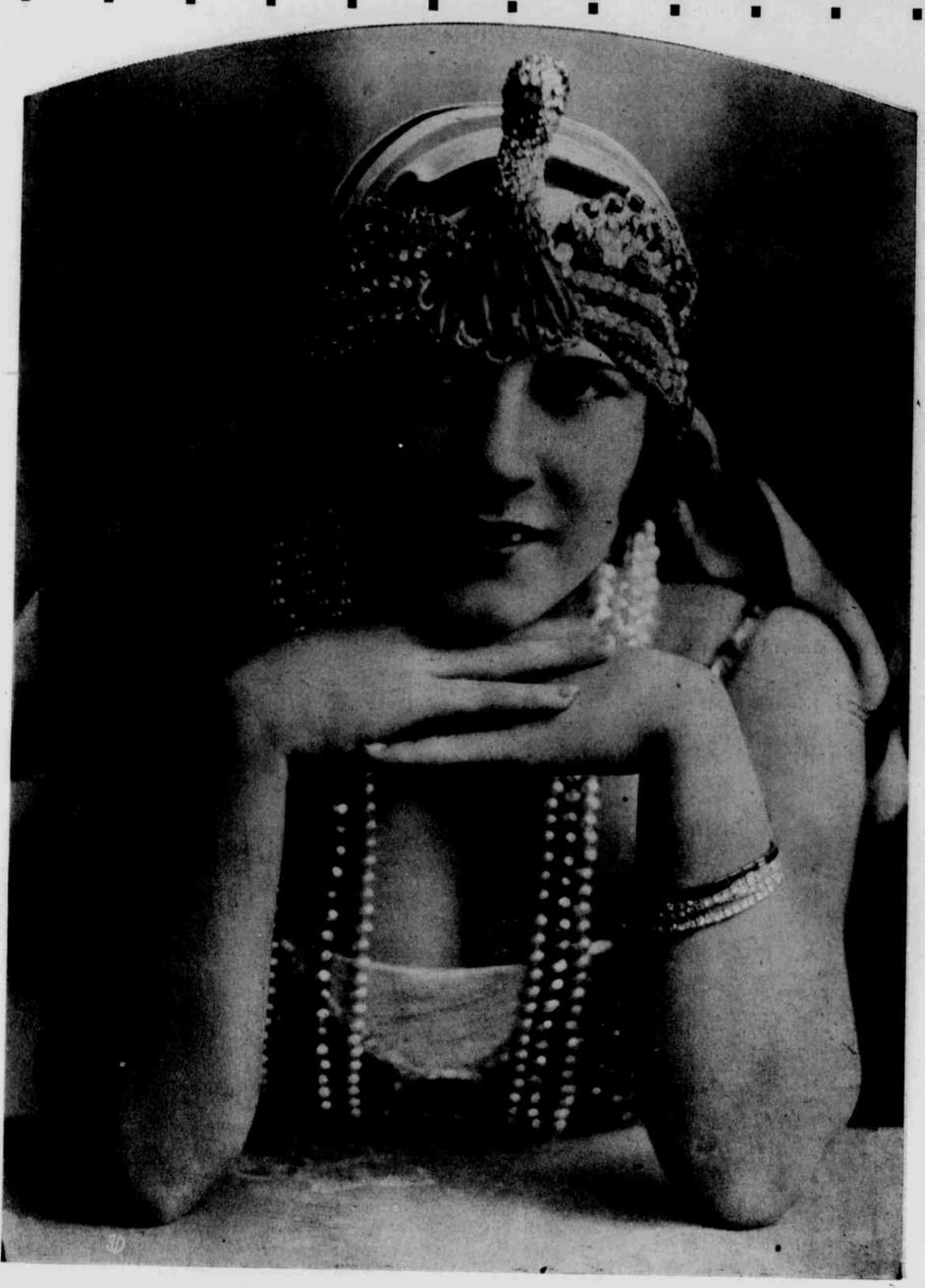
Quem está com a rasão?

■ ■ ■

■ *Mistinguett vae-se embora. Mas vem Randall. Madame Rasimi dá assim á encantadora retirante um substituto encantador... A voz envolvente matará as saudades das pernas espirituaes...*

■ *Na noite de 29, o Republica apanhará a sua primeira enchente com a estréa da Companhia Candini, que fez uma temporada longa em S. Paulo, sommando exito sobre exito.*

■ *Continúa a ser o grande caso da estação a Companhia Velasco. O S. Pedro exgotta, todas as noites, a lotação. O Arco Iris parece que não poderá tão cedo ser retirado do cartaz.*

NO RETIRO DOS ARTISTAS, EM JACARÉPAGUÁ

Instantaneos apanhados no dia da visita das Senhoras Maria Caballé, Eugenia Galindo, Clara Milani e Cristina P. reda, da Companhia Velasco, e dos Senhores Eulogio Velasco e Mario Vitoria.

EUGENIA GALINDO
1ª TIPLE COMICA DA COMPANHIA VELASCO

No templo da Loja Progresso, em Campos, na noite da recepção do Dr. Mario Behring, Grão Mestre da Maçonaria Brasileira.

"PARA TODOS..." NO MINISTERIO DA AGRICULTURA

J. M.

Vindo da terra dos valentes Guyacanans, o formoso Gaucho *entrou no Ministerio para promover a desunião entre as suas graciosas colleguinhas. E por que? Porque* Zézé Leone *masculino despertou em muitos corações um sentimento de admiração que não tardou a se transformar em outro mais suave, e o resultado foi entrarem em scena cartas, caricaturas, versinhos, emfim, todas as armas de que Cupido se serve n'estas occasiões.*

Durante um baile no Icarahy Palace Hotel, em Nictheroy

No caes do Porto, quando regressou de Buenos Aires o Sr. Embaixador Mora y Araujo, com sua Exma. Familia

Innumeras foram as lagrimas vertidas por lindos olhos que não pensavam em amar antes de conhecerem tão bello specimen *da bellesa mascula, pois o J. M. é alto, moreno, forte, tem bonitos dentes, e possue inconfundiveis olhos glaucos.*

No emtanto, Zézé Leone *conserva-se na defensiva, e apesar do inimigo apertar o cerco, faz como a velha guarda, prefere morrer a se render. Lembramos, porém, ao nosso caro amigo, o fim dos grandes Imperadores... e não será para temer a Santa Helena do possuidor de um sceptro tão fragil como o da Bellesa?...*

CLIO.

TERRA CARIOCA

OS EDIFICIOS DA BOLSA DO :: :: RIO DE JANEIRO :: ::

Não ha muito tempo, foi aqui estudada a individualidade do grande architecto brasileiro Bethencourt da Silva. Hoje vamos trazer, a publico, documentos interessantes sobre as origens e construcção de um dos mais sumptuosos edificios d'esta maravilhosa terra carioca, devido ao engenho do mesmo artista.

Uma coincidencia notavel fez com que mestre e discipulo ficassem ligados á tradição da cidade. O mesmo objectivo levou Grandjean e Bethencourt a produzirem obra condigna dos fins.

Historiemos a questão. Antes, porém, devemos dizer que o edificio em foco não é absolutamente o mesmo onde em 1819 se achava installada a Bolsa; no decorrer da narrativa verificará o leitor que a primeira Praça do Commercio era da auctoria de Grandjean de Montigny, e era precisamente onde está hoje a Alfandega.

Em uma curiosa memoria, escripta por Vieira Fazenda, na "Revista do Instituto Historiço Geographico Brasileiro", encontrámos a descripção do edificio, em suas linhas geraes: "O plano consistiu em um parallelogrammo de cento e setenta e cinco palmos de comprido e de cento e quarenta e cinco de largo. O pavimento era elevado acima do solo por sete degraus, a fim de dar escoamento ás aguas pluviaes, que, por um cano subterraneo, iam ao mar. Apresentava na frente da rua tres portas e outras tantas janellas de cada lado. A mesma disposição era notada do lado do mar. Nas faces lateraes abriam-se dez janellas e no centro d'ellas uma porta. Portas e janellas eram todas em arcadas e ornadas de vidraças. Para o patamar, que precedia a entrada, subia-se por duas escadas de pedra. Esse patamar era defendido por uma varanda de ferro com ornatos de bronze dourado. Ahi se notavam quatro pedestaes onde foram collocadas estatuas. Acima das quatro portas principaes de cada um dos lados viam-se outros tantos oculos em semi-circulo, os quaes projectavam abundante claridade no vasto salão em fórma de cruz. Era este cercedo de columnas de ordem dorica e de meia canna, formando uma galeria em derredor e nos quatro angulos se formaram salas para differentes escriptorios. O tecto do salão era arqueado, fingindo ser abobada; mas no centro, onde crusava com os porticos lateraes, via-se uma meia laranja com sua claraboia. Entre os quatro arcos, que sustentavam essa cupula, estavam as iniciaes do Rei e as Armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve".

Assim era a primeira Praça do Commercio do Rio de Janeiro; porém, devido a acontecimentos politicos em 1820, deixou de funccionar. Um anno depois, a 20 de Abril, houve a primeira eleição para deputados e, como se sabe, acontecimentos de alta valia para a politica nacional se originaram d'essa eleição, chegando mesmo ao tiroteio, havendo mortos e feridos. O edificio escolhido para tal fim foi a Praça do Commerco, d'ahi o abandono por parte dos negociantes. Durante annos, quem por elle passasse, veria os signaes das balas nos seus muros e uma grande inscripção feita com pixe: AÇOUGUE REAL. Nos conflictos havidos, contam-nos as chronicas, sahiram feridos entre outros, o Desembargador José Clemente Pereira, e que os mortos foram sepultados na Capella do Arsenal de Marinha. Boletins foram pregados em toda a parte, cada qual mais impertinente, como se póde avaliar pela amostra que offerecemos aos nossos leitores:

"Olho aberto,
Pé ligeiro;
Vamos á nau
Buscar dinheiro.

O dinheiro do reino
Sahir não deve:
Isto é lei
Cumprir se deve."

Em Março de 1824, depois de uma visita á Alfandega, ordenou D. Pedro I a incorporação da Praça do Commercio áquella repartição, o que aconteceu sem o menor protesto dos negociantes. "O facto de não protestarem — diz V. Fazenda — os negociantes contra semelhante ordem, está indicando que além da subscripção, o Rei muito concorreu com dinheiro do Estado para a prompta construcção do edificio".

O novo palacio para a Praça do Commercio foi tambem projectado pelo architecto Grandjean de Montigny e inaugurado em 1836. Emquanto aguardavam a conclusão da nova installação, o Ministro da Fazenda, Candido José de Araujo Vianna, em 1834, offereceu para séde provisoria da reunião dos negociantes um vasto armazem da Alfandega, conhecido na epocha pelo nome de "Salão do sello da Alfandega". Erguia-se entre a ponte da "Estiva" e "Beco dos Adelos"; foi n'esse local onde ficou resolvido levantarem por meio de uma subscripção o novo edificio inaugurado dois annos mais tarde. Fizeram parte da commissão de obras, como fiscaes do Governo, os cidadãos Felippe Nery de Carvalho, José Antonio de Carvalho, Guilherme Theremim e Henrique Riedy. Moreira de Azevedo assim descreve a segunda Praça do Commercio:

"Constava de dois pavimentos; tinha na frente o peristylo saliente com oito columnas doricas que sustentavam uma varanda ou terraço orlado de grades de ferro presas a pilares; uma gradaria de ferro entre as columnas fechava o vestibulo, cujo pavimento era de mosaico de marmore; viam-se na face do fundo quatro portas e tres janellas de peitoril, que davam para tres salas divididas por arcos de alvenaria, duas eram publicas e a ultima privativa dos assignantes da praça; n'esta viam-se duas mesas com jornaes nacionaes e extrangeiros, sofás, cadeiras, mesas pequenas, dois quadros com os nomes dos negociantes que subscreveram para a construcção do edificio, cinco mappas offertados em 13 de Dezembro de 1834 pelo Dr. Bivar e um pequeno modelo em gesso para uma estatua equestre de D. Pedro I, o qual fôra remettido á Praça por João Diogo Sturz quando consul do Brasil na Russia. Aos lados e no fundo das duas primeiras salas estavam os escriptorios commerciaes. No segundo pavimento, viam-se na frontaria sete janellas rasgadas com vidraças, que se abriam para a varanda; um altico escondia o telhado. Era occupado o pavimento superior pelo Tribunal do Commercio e pelo salão dos assignantes da Praça, elegantemente decorado com ornatos de gesso no tecto, tendo pendente de uma das paredes o retrato de D. Pedro II, pintado pelo artista Luiz Augusto Moreaux."

Aspecto da Bolsa, desenhado por Bryan Grineau

Em 24 de Outubro de 1868, por iniciativa da Associação Commercial, ficou deliberado um entendimento com o Governo para a construcção de um definitivo palacio para alojar condignamente a Praça do Commercio. Em 1871 transferiu provisoriamente a Directoria os escriptorios para um dos armazens da Alfandega e demoliu-se o predio da segunda Praça do Commercio; em 26 de Junho de 1872, depois de realisado um emprestimo entre os negociantes, foi collocada a pedra fundamental, sendo encerradas no seu interior moedas e outros objectos identificadores da epocha da construcção. Semelhante cerimonia ficou, porém, sem effeito, em virtude de um contracto assignado entre o Governo e a Associação Commercial. Varios contratempos impediram ainda o andamento do estipulado até 1880, quando o architecto Bethencourt da Silva desenhou o projecto e deu começo ao monumental palacio que se ergue á rua Primeiro de Março. Não quizeram os fados a permanencia da Praça do Commercio em tão vistoso predio; muito breve será n'elle installada a nova séde do Banco do Brasil.

ERCOLE CREMONA

No templo da Loja Progresso, em Campos, na noite da recepção do Dr. Mario Behring, Grão Mestre da Maçonaria Brasileira.

"PARA TODOS..." NO MINISTERIO DA AGRICULTURA

J. M.

Vindo da terra dos valentes Guyacanans, o formoso Gaucho *entrou no Ministerio para promover a desunião entre as suas graciosas colleguinhas. E por que? Porque* Zézé Leone *masculino despertou em muitos corações um sentimento de admiração que não tardou a se transformar em outro mais suave, e o resultado foi entrarem em scena cartas, caricaturas, versinhos, emfim, todas as armas de que Cupido se serve n'estas occasiões.*

Durante um baile no Icarahy Palace Hotel, em Nictheroy

No caes do Porto, quando regressou de Buenos Aires o Sr. Embaixador Mora y Araujo, com sua Exma. Familia

Innumeras foram as lagrimas vertidas por lindos olhos que não pensavam em amar antes de conhecerem tão bello specimen *da bellesa mascula, pois o J. M. é alto, moreno, forte, tem bonitos dentes, e possue inconfundiveis olhos glaucos.*

No emtanto, Zézé Leone *conserva-se na defensiva, e apesar do inimigo apertar o cerco, faz como a velha guarda, prefere morrer a se render. Lembramos, porém, ao nosso caro amigo, o fim dos grandes Imperadores... e não será para temer a Santa Helena do possuidor de um sceptro tão fragil como o da Bellesa?...*

CLIO.

TERRA CARIOCA

OS EDIFICIOS DA BOLSA DO :: :: RIO DE JANEIRO :: ::

Não ha muito tempo, foi aqui estudada a individualidade do grande architecto brasileiro Bethencourt da Silva. Hoje vamos trazer, a publico, documentos interessantes sobre as origens e construcção de um dos mais sumptuosos edificios d'esta maravilhosa terra carioca, devido ao engenho do mesmo artista.

Uma coincidencia notavel fez com que mestre e discipulo ficassem ligados á tradição da cidade. O mesmo objectivo levou Grandjean e Bethencourt a produzirem obra condigna dos fins.

Historiemos a questão. Antes, porém, devemos dizer que o edificio em foco não é absolutamente o mesmo onde em 1819 se achava installada a Bolsa; no decorrer da narrativa verificará o leitor que a primeira Praça do Commercio era da auctoria de Grandjean de Montigny, e era precisamente onde está hoje a Alfandega.

Em uma curiosa memoria, escripta por Vieira Fazenda, na "Revista do Instituto Historico Geographico Brasileiro", encontrámos a descripção do edificio, em suas linhas geraes: "O plano consistiu em um parallelogrammo de cento e setenta e cinco palmos de comprido e de cento e quarenta e cinco de largo. O pavimento era elevado acima do solo por sete degraus, a fim de dar escoamento ás aguas pluviaes, que, por um cano subterraneo, iam ao mar. Apresentava na frente da rua tres portas e outras tantas janellas de cada lado. A mesma disposição era notada do lado do mar. Nas faces lateraes abriam-se dez janellas e no centro d'ellas uma porta. Portas e janellas eram todas em arcadas e ornadas de vidraças. Para o patamar, que precedia a entrada, subia-se por duas escadas de pedra. Esse patamar era defendido por uma varanda de ferro com ornatos de bronze dourado. Ahi se notavam quatro pedestaes onde foram collocadas estatuas. Acima das quatro portas principaes de cada um dos lados viam-se outros tantos oculos em semi-circulo, os quaes projectavam abundante claridade no vasto salão em fórma de cruz. Era este cercado de columnas de ordem dorica e de meia canna, formando uma galeria em derredor e nos quatro angulos se formaram salas para differentes escriptorios. O tecto do salão era arqueado, fingindo ser abobada; mas no centro, onde crusava com os porticos lateraes, via-se uma meia laranja com sua claraboia. Entre os quatro arcos, que sustentavam essa cupula, estavam as iniciaes do Rei e as Armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve".

Aspecto da Bolsa, desenhado por Bryan Grineau

Assim era a primeira Praça do Commercio do Rio de Janeiro; porém, devido a acontecimentos politicos em 1820, deixou de funccionar. Um anno depois, a 20 de Abril, houve a primeira eleição para deputados e, como se sabe, acontecimentos de alta valia para a politica nacional se originaram d'essa eleição, chegando mesmo ao tiroteio, havendo mortos e feridos. O edificio escolhido para tal fim foi a Praça do Commerco, d'ahi o abandono por parte dos negociantes. Durante annos, quem por elle passasse, veria os signaes das balas nos seus muros e uma grande inscripção feita com pixe: AÇOUGUE REAL. Nos conflictos havidos, contam-nos as chronicas, sahiram feridos entre outros, o Desembargador José Clemente Pereira, e que os mortos foram sepultados na Capella do Arsenal de Marinha. Boletins foram pregados em toda a parte, cada qual mais impertinente, como se póde avaliar pela amostra que offerecemos aos nossos leitores:

"Olho aberto,
Pé ligeiro;
Vamos á nau
Buscar dinheiro.

O dinheiro do reino
Sahir não deve:
Isto é lei
Cumprir se deve."

Em Março de 1824, depois de uma visita á Alfandega, ordenou D. Pedro I a incorporação da Praça do Commercio áquella repartição, o que aconteceu sem o menor protesto dos negociantes. "O facto de não protestarem — diz V. Fazenda — os negociantes contra semelhante ordem, está indicando que além da subscripção, o Rei muito concorreu com dinheiro do Estado para a prompta construcção do edificio".

O novo palacio para a Praça do Commercio foi tambem projectado pelo architecto Grandjean de Montigny e inaugurado em 1836. Emquanto aguardavam a conclusão da nova installação, o Ministro da Fazenda, Candido José de Araujo Vianna, em 1834, offereceu para séde provisoria da reunião dos negociantes um vasto armazem da Alfandega, conhecido na epocha pelo nome de "Salão do sello da Alfandega". Erguia-se entre a ponte da "Estiva" e "Beco dos Adelos"; foi n'esse local onde ficou resolvido levantarem por meio de uma subscripção o novo edificio inaugurado dois annos mais tarde. Fizeram parte da commissão de obras, como fiscaes do Governo, os cidadãos Felippe Nery de Carvalho, José Antonio de Carvalho, Guilherme Theremim e Henrique Riedy. Moreira de Azevedo assim descreve a segunda Praça do Commercio: "Constava de dois pavimentos; tinha na frente o peristylo saliente com oito columnas doricas que sustentavam uma varanda ou terraço orlado de grades de ferro presas a pilares; uma gradaria de ferro entre as columnas fechava o vestibulo, cujo pavimento era de mosaico de marmore; viam-se na face do fundo quatro portas e tres janellas de peitoril, que davam para tres salas divididas por arcos de alvenaria, duas eram publicas e a ultima privativa dos assignantes da praça; n'esta viam-se duas mesas com jornaes nacionaes e extrangeiros, sofás, cadeiras, mesas pequenas, dois quadros com os nomes dos negociantes que subscreveram para a construcção do edificio, cinco mappas offertados em 13 de Dezembro de 1834 pelo Dr. Bivar e um pequeno modelo em gesso para uma estatua equestre de D. Pedro I, o qual fôra remettido á Praça por João Diogo Sturz quando consul do Brasil na Russia. Aos lados e no fundo das duas primeiras salas estavam os escriptorios commerciaes. No segundo pavimento, viam-se na frontaria sete janellas rasgadas com vidraças, que se abriam para a varanda; um altico escondia o telhado. Era occupado o pavimento superior pelo Tribunal do Commercio e pelo salão dos assignantes da Praça, elegantemente decorado com ornatos de gesso no tecto, tendo pendente de uma das paredes o retrato de D. Pedro II, pintado pelo artista Luiz Augusto Moreaux."

Em 24 de Outubro de 1868, por iniciativa da Associação Commercial, ficou deliberado um entendimento com o Governo para a construcção de um definitivo palacio para alojar condignamente a Praça do Commercio. Em 1871 transferiu provisoriamente a Directoria os escriptorios para um dos armazens da Alfandega e demoliu-se o predio da segunda Praça do Commercio; em 26 de Junho de 1872, depois de realisado um emprestimo entre os negociantes, foi collocada a pedra fundamental, sendo encerradas no seu interior moedas e outros objectos identificadores da epocha da construcção. Semelhante cerimonia ficou, porém, sem effeito, em virtude de um contracto assignado entre o Governo e a Associação Commercial. Varios contratempos impediram ainda o andamento do estipulado até 1880, quando o architecto Bethencourt da Silva desenhou o projecto e deu começo ao monumental palacio que se ergue á rua Primeiro de Março. Não quizeram os fados a permanencia da Praça do Commercio em tão vistoso predio; muito breve será n'elle installada a nova séde do Banco do Brasil.

ERCOLE CREMONA

No Collegio Santo Ignacio, durante a festa á gloria do seu padroeiro Santo Ignacio de Loyola, promovida pela "divisão dos maiores", no dia 1º d'este mez.

PEQUENOS POEMAS

BALLADA HEROICA

I

A lança em riste, a pluma ao vento,
Fidalgo e heroe por tradição,
Avanço impavido e sedento,
Teu nome escripto no brazão.
Cumpro o meu velho juramento,
E, cavalleiro e trovador,
Os meus rivaes, sorrindo, enfrento
Só pela Gloria e pelo Amor!

II

Trago-te, assim, no pensamento,
Tal como em cofre de xarão,
Guardo o rubi regio e sangrento
Que foi de um poeta do Indostão.
A bemdizer o meu tormento,
Arranco a espada com fragor,
E jogo a vida n'um momento,
Só pela Gloria e pelo Amor!

III

Cultivo a flor do sentimento
E escrevo a sangue esta canção:
Sou bem o principe opulento,
Dono de um grande coração...
Sem dar signal de abatimento,
Mostro no duello o meu valor,
E a minha victima lamento,
Só pela Gloria e pelo Amor!

OFFERTA

O meu castello é um monumento
De architectura e de esplendor:
— Beijo-te as mãos, n'um gesto lento,
Só pela Gloria e pelo Amor!

OSORIO DUTRA.

A LUA E' UMA BAILARINA...

Na melancholia cinzenta das nuvens mysteriosas,
a lua macia dança.
A bailarina sonhadora das alturas
suavemente dança...
prateando as alamedas silenciosas
e a superficie espelhenta das aguas mansas...

E' a geradora das visões impuras
e dos mais castos, mais lyriaes amores:
Salomé voluptuosa do Infinito,
Sulamita do Cantico dos Canticos!

A sua dança, apressada ou lassa,
para as almas dos seus adoradores,
tem, muitas vezes, toda a graça
dos bailados romanticos,
e ás vezes os requebros de luxuria
e desesperações de carne em furia!

Vejo-a dançar. Adoro-a como um fetichista...
N'ella depuz a grande, a magica esperança
de minha alma de artista,
— flor dos meus anceios mais profundos...

Será pelo prestigio de sua dança
que chegará minha ventura, entre visões serenas,
embora, para a minha alma incomprehendida,
a ventura talvez tenha de ser, apenas,
um segundo melhor, entre os outros segundos,
na dolorosa lentidão da minha vida...

EVAGRIO RODRIGUES.

A pagina do Snobinette

NA BERLINDA

Quando, sob a chusma primaveril de petalas, Mistinguett surgiu, as famosas pernas dos palcos e trottoirs parisienses a atravessarem a sala illuminada e regorgitante do Lyrico, uma mesma avidez curiosa movia cabeças masculinas e femininas, infantis e anciãs. Mistinguett passava, e por um capricho genuinamente parisiense, resolveu espalhar, entre os espectadores, alguns de seus beijos espiegles e diablement montmartrois. Ia assim, escolhendo pelas primeiras filas todas as calvas que encontrava em seu caminho, a todas dando a compensação rapida e fugaz dos seus labios de vedette ruidosamente celebre. Contempladas foram calvas illustres de politicos, calvas valiosas de ricaços, calvas espirituaes (sem allusão ás pernas) de litteratos, calvas precoces, calvas caducas. E todas se inclinavam flattées, como que relusindo mais ao contacto glorioso dos labios de Mistinguett. Emfim, estala Mistinguett sobre a calvicie sympathica de conhecido titular o seu ultimo beijo da serie, fechando assim com chave de ouro a sua semaille de bécots. Mas o mesmo não pensou a joven senhora do illustre e velho titular, que raivosa, e lançando um olhar de desdem a Mistinguett, tentou escrupulosa e prudentemente apagar com o seu lenço os vestigios de vermillon deixados por ella na calva do esposo. Mas com franquesa, Mme não tem rasão; moça e linda como é, não tem direito de ter ciumes da bailadora étoile, que vaga ha já tantos annos no firmamento parisiense. E talvez a preferencia de Mistinguett pelas calvas tenha alguma analogia com a sua velha attracção pelos parquets cirés, onde costuma deslisar a sua leve silhueta de profissional-dancer.

Senhora Carrasco

Contemplando os lindos olhos verdes da noiva, elle experimentava uma fascinação do largo, uma nostalgia vaga de mar alto, e um inquieto desejo de viagens a terras extranhas e cidades maravilhosas. Tentava-o sobretudo o Oriente: Bagdad, que elle acreditava ainda uma cidade de féerie; Constantinopla, que aprendera a amar com Loti, de cupulas e minaretes brancos a se destacarem na noite profunda e estrellada do Bosphoro, a Smyrna dos tapetes e estofos raros e a India mysteriosa dos fakirs e dos junglos. Ir para bem longe, partir, errar pelo vasto mundo, era tudo o que lhe inspiravam os olhos suaves e enamorados da noiva, d'um verde lindo de onda. Voltaria um dia, quando cançado de sua vida de Ahasverus voluntario, e veriam então como seriam felizes! Ella que ficasse com o seu esplendido e tranquillo amor, n'um longo somno enclausurado de Belle au Bois Dormant. Mas outro veiu que resume o universo (o globo terrestre com ambos os seus hemispherios) n'aquelles dois globosinhos verdes, que brilham calmos sob os grandes cilios. Nas pupillas claras da bem-amada não vê esse a onda tentadora com seus convites irresistiveis a paizes ignorados, mas antes serras verdes de frescura e paz, d'onde não pensa em afastar-se. Ella commoveu-se e preferiu-o. Estão noivos ha oito dias. E elle, o Ahasverus voluntario diz a toda gente, convicto: "A mulher é perfida e os olhos verdes são falsos!". Mas se elle fosse mulher, de certo faria o mesmo.

Na ultima soirée do Jockey, presentes todas as nossas elegantes e todos os mais distinctos cavalheiros de nosso grand'monde, notava-se a falta de qualquer coisa, que não se adivinhava. Pouca animação; dançavam as mulheres sem entrain, e os homens com o cançaço natural das creaturas de labuta e de responsabilidade. Nos salões, onde entravam, segundo o rigor do club, apenas os socios, faltava alguma coisa, diziam os olhos entediados das mulheres, o mesmo affirmando as physionomias masculinas, tocadas de fadiga. Subito, exclama alguem: "Já descobri o que falta: Falta o elemento almofadinha!" "E' mesmo, concordaram, é isso". Pois de facto, só mesmo uma existencia descançada, ouatée e molletonneuse de almofadinha, póde facilitar a pratica da arte graciosa e difficil da dança. D'ahi, conseguirem realisar seus jarrets de sybaritas, verdadeiros prodigios de resistencia n'esse exercicio. A directoria do Club resolveu pois, por unanimidade de votos, que cada socio leve, como convidado, um almofadinha de suas relações. E por esse favor, prestado ao club pelos almofadinhas, serão elles ainda agraciados com o titulo de benemeritos.

TAQUINE.

MUNDANISMO

A bordo do Cap Polonio seguiu para a Europa em dia da semana finda o fino gentleman Dr. Octavio Reis, acompanhado de sua gentilissima esposa.

O caes encheu-se d'uma encantadora multidão feminina, empressée em levar as suas despedidas a Mme Octavio Reis, que sorria o seu sorriso lindo entre os tufos de cravos, violettas e rosas que lhe foram offerecidos. Na tarde azul e ouro distinguimos as silhuetas de Mme Alberto Betim Paes Leme, Mme Santos Lobo, l'enchanteresse, Baronesa de Saavedra em toilette beige e pequeno feltro chaudron, Mme Renato da Rocha Miranda, formosa sob o gracioso cloche bigarré, Mme Teixeira Soares em tailleur de seda preta com largo debrum d'étoffe bariolée, Mme Wladimir Bernardes, o trigueiro perfil recortado n'um lindo feltrosinho branco, Mme Armenio Rocha Miranda em toilettes brique. Mlles Maria Luisa Brandão e Heloisa Netto Teixeira, irmãs no talhe esguio e na bellesa bruna,

Mlle Gasparoni, tailleur gris-perle, *Mme Coelho Lisboa Rademaker*, tailleur beige, *Mme Hermano Simonsen*, en gris, *Mme Guiomar Coelho*, toilette sombre et toque fleurie. *Mlle Tata Soares*, de marron, *Mme Bica de Almeida*, toilette *preta*, *Mme Mendes de Almeida*, en bleu marine *e Josephina Brandão*, toute en noir. *Entre os cavalheiros notámos o senhor Embaixador Edwin Morgan, Eugenio Honold, Renato Rocha Miranda, Orris Soares, Alberto B. Paes Leme, Armenio Rocha Miranda, Roberto Coelho, Bica de Almeida, Hermano Simonsen, Mario Gasparoni, José Soares e Henrique Liberal.*

Despertou a mais viva curiosidade e o mais caloroso enthusiasmo o Cyrano de Bergerac, *de Rostand, levado ha dias no Municipal. A figura do grotesco sublime foi magnificamente interpretada por Du Magnier, que fez vibrar intensamente o auditorio na sua apresentação dos* Cadets de Gascogne, *na scena nocturna e lyrica do balcão e no ultimo acto, em que arrasta a sua agonia de estoico e o seu ultimo alento de amante até junto de Roxane, que* vive endeuillée *entre as monjas brancas. Assim, não sepultada com Coquelin, o creador do papel, a exaltação de* Cyrano *continuará a encantar e seduzir os ouvidos de todas as Roxanes,* enfants maladives, *enamoradas de Absoluto. E ellas todas se commoverão deante desse enlevado murmurio de amor, revelador da doce perseguição:*

De toi, je me souviens de tout. J'ai tout aimé
Je sais que l'an dernier, un jour, le douze mai,
Pour sortir le matin tu changeas de coiffure,
J'ai tellement pris pour clarté ta chevelure
Que, comme lorsqu'on a trop fixé le soleil
On voit, sur toute chose ensuite, un rond vermeil
Sur tout, quand j'ai quitté les feux dont tu m'inondes,
Mon regard ébloui pose des taches blondes.

Senhorinha Carmen Medeiros, filha do Dr. Viriato Medeiros, da sociedade de Recife.

Foi o que aconteceu de certo, mesmo, aux jolies pensionnaires *do* Sacré Coeur *e do* Sion, *que pontilhavam de claridade e* jeunesse *a penumbra* vieux rose *da sala do Municipal.*

O Réveillon *da Gloria, commemorativo de seu primeiro anniversario, reuniu nos salões do luxuoso hotel todos os interessados e assiduos frequentadores dos logares,* oú l'on s'amuse. *Nos terraços, repuxos luminosos tingiam a noite, emquanto lá dentro, tangos langorosos e animados* fox-trots *eram executados* pela Jazz-Band *do* Ba-ta-clan. *Nas mesas, profusamente floridas, scintillavam crystaes, sorrisos femininos e lindos olhos, cheios de fulgor.* Toilettes éblouissantes, *entre as quaes se destacavam as de Mme Renato da Rocha Miranda, bellissimo modelo em* tulle marron *todo velado de grandes palhetas* d'écaille *e grande laço de* tulle á gauche. *Mme Teixeira Marques, de tecido* lamé *verde,* gainant *adoravelmente á sua silhueta fragil de* biscuit *raro, Mme Waldemar Bandeira, em azul anil e bordado symetrico de grandes angulos, em canotilhos de crystal, Mme Sebastião Sampaio, em* crêpe *romano* mauve, etoilé *de diamantes. Mme Dias Vieira, toda em* charmeuse *branca e diadema* perlé, *Mme Armenio da Rocha Miranda, de setim branco* brodé d'or, *Mme Alberto Betim Paes Leme, de negro,* lamé tout entier en vieil argent, *Mme Eduardo Pederneiras, em* crêpe fraise perlé. *Mme Felix Pacheco, de amarello* citron, façon egypcienne, *Mme Bica de Almeida, em* crêpe *marroquino branco, bordado a missangas. Mme Oswaldo da Rocha Miranda,* en fraise *e diadema egypcio de longos pingentes de coral, Mme Oscar Lopes,* étoffe orangée *bordada a aço, Mme San Juan,* de charmeuse *branca* parsemée *de diamantes, Mme Heloisa Netto Teixeira, de salmão e toda em* volants *bordados a crystal.*

Entre os senhores notámos: o Ministro das Relações

Chegada, da Europa, do Sr. José Ortigão, chefe da firma Vasco Ortigão & C., proprietaria do *Parc Royal*, e de sua Exma. Senhora. No mesmo transatlantico veiu o nosso collaborador Manoel Móra, o estimado desenhista.

No jardim da egreja da Gloria, no Largo do Machado, depois da missa em acção de graças pela passagem do 25° anniversario de casamento do Sr. João Daudt Filho e Exma. Senhora Haydée Simões Lopes Daudt, figuras da mais nobre sociedade brasileira.

Exteriores, Dr. Felix Pacheco, Consul Antonio Bastos, Consul Sebastião Sampaio, Dr. Licinio Cardoso, Dr. Renato da Rocha Miranda, Dr. Jorge Murtinho, Dr. Eurico de Souza Leão, Dr. Armando Burlamaqui, Dr. Alberto Betim Paes Leme, Dr. Armenio da Rocha Miranda, Dr. Oswaldo da Rocha Miranda, Nina Ribeiro, Edmundo de Oliveira, Pio Torelli, Helio Pederneiras, Bica de Almeida, Mario Kroeff, José Soares.

O chá paulista, realisado ha dias em casa de Mme Chermont de Miranda, foi encantador. Achavam-se presentes muitas pessoas de destaque em nosso meio social, prolongando-se as danças até meia noite, cheias de animação e alegria.

SNOBINETTE.

Enlace Cenyra Marcial — Carlos Olympio Paes. Photographias tomadas na residencia do Sr. Deputado Norival de Freitas, em Nictheroy, onde se realisou a cerimonia civil.

Cinema Para todos...

Chronica

O VALOR DE NOSSOS PROGRAMMAS E OS NOVOS CINEMAS PROMETTIDOS

Recebemos a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade, por isso que sempre timbramos em manter o mesmo ponto de vista dos nossos leitores. Se ha nas palavras do nosso correspondente algum exaggero, que seja elle levado á conta do amor em outros pontos revelado pelas coisas cinematographicas. Reclamações ha que sempre se justificam. Nós fomos dos primeiros que as articularam. Deixemos pois que se expandam as queixas em nossas columnas, franqueadas sempre áquelles que nos lêem e nos auxiliam n'essa campanha que vimos travando pelo melhoramento do nosso meio cinematographico. Ahi vae a correspondencia:

"Sr. Operador — *Grandes coisas nos conta o* Para todos... *da remodelação dos nossos cinemas e da melhoria, para o anno, das suas programmações. As noticias são na verdade de fazer a gente arregalar os olhos e a bocca encher-se logo d'agua...*

Mas não ficaremos só na promessa?

Parece, pois que o Sr. Operador fallou em um grande cinema a ser construido nos terrenos do Convento d'Ajuda pelo capitalista Rocha Miranda e eu vi em um dos nossos jornaes a noticia de que o referido capitalista vae construir um grande palacio, o mais elevado do Rio de Janeiro no referido trecho urbano, o que é muito differente. Assim sendo, na realidade, parece que uma das promessas ficará no tinteiro. Acontecerá o mesmo com as outras?

Se acontecer, será uma desgraça, Sr. Operador!... palavra de honra! Pois a verdade, a realidade das coisas é que nós, publico pagante, já estamos fartos, cançadissimos de aturar essas saletas em que, quando se exhibe um grande film, ficamos empilhados como sardinhas em lata ou em barrica, sem ar, sem luz, sem commodidade, respirando uma atmosphera pesadissima, capaz de arruinar pulmões de aço.

Creio bem que o Departamento de Hygiene poderia apressar a construcção dos novos salões, condemnando essas malfadadas saletas que fingem casas de espectaculos. A sua intervenção justificar-se-hia plenamente com a defesa da saude publica.

Os nossos mesquinhos salões são focos de graves molestias, Sr. Operador. E a prova é que nas mudanças de estação a grippe assola os espectadores, que se retiram aos espirros e passam uma semana de molho, tudo isso ganho com os 1$500 ou 2$000 pagos á bilheteria.

Que não tardem essas transformações são os votos das victimas pacientes dos Srs. exhibidores.

Um outro ponto que attrahiu curiosamente a nossa attenção foi o relativo á possivel modificação dos programmas dos nossos cinemas.

Se o Avenida, por exemplo, perder os films Paramount, poderá converter-se em um excellente exhibidor de ligeiras comedias em dois rolos, films naturaes, jornaes e caricaturas animadas, que isso calha muito bem á sua capacidade. Vinte minutos a meia hora ainda se póde permanecer nos seus microscopicos salões. O mesmo se poderá dizer do Palais, do Odeon e do Parisiense.

O Pathé já é maior; tambem por isso é o que cobra entradas mais baratas.

O Rialto tem muitos mosquitos e os seus apparelhos sanitarios tornam por vezes a atmosphera irrespiravel. Parece ser uma das rasões, esta, do seu insuccesso.

O Central precisa adquirir em leilão novo mobiliario, que o que lá existe já deu o prego.

O que nos vale ainda são os cinemas da rua da Carioca.

Peço-lhe, Sr. Operador, que nos tranquillise o espirito. Teremos ou não novos cinemas na realidade?

Rio, 18-8-23.

OSCAR GUARANÁ."

Que poderemos dizer? O que publicámos em o passado numero parece responder ás solicitações do nosso impaciente leitor

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

LOUISE HUFF abriu os olhos em Columbus, no dia 5 de Setembro de 1897 e foi educada mesmo na sua cidade natal e em New York na escola Horace Mann. Começou no theatro como amadora e passou a profissional na peça *Granstark*, com os protestos dos paes, para não faltar á regra... Em seguida, representou o papel principal de *Ben Hur*, baseado no celebre romance de Lewis Wallace, que alaz está sendo filmado agora pela Goldwin. Disseram-lhe depois que no cinema havia mais probabilidades e ella passou-se para elle, começando a trabalhar no velho *studio* da Lubin, em Philadelphia, levando comsigo a sua irmã Justina, que a abandonou semanas depois para se casar com um *cameraman*... Passou-se para a Metro, depois Paramount, estreando-se em *Caprice*, e chamando a attenção em *Waif of the desert* e na primeira edição de *The Old Homestead*. Depois ainda — e este foi o trecho de mais importancia de sua carreira — com Jack Pickford, formando um dos pares mais sympathicos do cinema fez uma serie de films interessantes, dos quaes destacaremos *Extranha influencia* e *Grandes esperanças*. Deixando a fabrica de Jesse Lasky foi para a World onde, como *estrella*, fez mais alguns films, entre elles *Matadores de illusões*, tendo Frank Mayo como galã. Um contracto vantajoso chamou-a para a Selznick, e d'esta fabrica abandonou provisoriamente o cinema para se casar com Edwin Stillman, depois de obter satisfactoriamente o seu divorcio com Edgard Jones, de quem tem uma filhinha Marie Louise que é a sua adoração! O seu ultimo trabalho exhibido no Rio foi com Ernest Truex em *O perigo das mulheres*, da Paramount, ha pouco passado no Rialto.

No proximo numero — ALBERTO CAPOZZI.

☆ ☆ ☆

Pauline Frederick vendeu sua esplendida residencia entre Hollywood e Beverly Hills.

☆ ☆ ☆

Em Oakland foi inaugurado o theatro Norma Talmadge. E' a primeira *estrella* de cinema que merece essa consagração.

☆ ☆ ☆

Em um concurso de popularidade levado a effeito em New York, Ramon Navarro foi o vencedor, excedendo os votos que obteve sobre Valentno de mais de dois mil.

☆ ☆ ☆

Marjorie Rambeau vae-se divorciar de Hugh Dillman, artista como ella (e não é frango). Hugh casara-se com Marjorie quando ella se divorciara de Willard Mack, ex-marido de Pauline Frederick.

☆ ☆ ☆

O capital das tres empresas hoje consorciadas na distribuição de suas producções — Goldwyn — Cosmopolitan — Distinctive — é de 70 milhões de dollars.

☆ ☆ ☆

Renée Adorée, esposa de Tom Moore, acaba de ser contractada por Louis B. Mayer por cinco annos para figurar em films dramaticos.

A IMPORTANCIA DA CINEMATOGRAPHIA

Um conhecedor das coisas relativas ao cinema, Martin Quigley, publicou pelo *Exhibitors Herald* uma serie de curiosas informações sobre a industria cinematographica, que aqui resumimos.

Tresentas mil pessoas vivem nos Estados Unidos dessa industria e da exploração commercial dos films. Os salarios pagos durante o anno nos *studios* sobem a 75 milhões de dollars (700 mil contos). O custo approximado dos films produzidos ascende a 200 milhões (1.900.000 contos).

Em 1922 foram feitos 600 films medios e grandes (5 a 14 rolos) e 1.500 de um a dois rolos.

Destes films 84 por cento foram feitos na California, 12 por cento em New York e os 4 por cento restantes em outras localidades.

Nos 15 mil cinemas existentes nos Estados Unidos ha capacidade para 7.605.000 espectadores.

Irene Castle em visita a Claire Windsor.

King Vidor e sua esposa Florence Vidor

Cincoenta milhões de espectadores frequentam semanalmente os espectaculos cinematographicos, cujas entradas renderam, em 1922, 520 milhões de dollars (5 milhões de contos). O numero de pessoas empregadas nesses cinemas é de 105.000. *A média de rolos ou partes por espectaculo é de oito.*

Nove mil cinemas funccionam 7 dias; mil e quinhentos, quatro e cinco dias: quatro mil e quinhentos, um a tres dias por semana.

O custo medio de um film é de 150 mil dollars, dado o alto preço dos salarios e da materia prima.

O gasto das companhias productoras em annuncios e reclames nos jornaes e revistas é de 5 milhões de dollars (46 mil contos) por anno, além de 7 milhões em photographias, cartazes, impressos, *clichés*, etc.

☆ ☆ ☆

Em *Ponjola*, da First National, tomam parte Ruth Clifford, James Kirkwood, Anna Q. Nilsson, Tully Marshall, Joseph Kilgour e Claire Du Bray.

☆ ☆ ☆

Milton Sills, Elliott Dexter, Sylvia Breamer, Myrtle Stedman e Colleen Moore são os principaes artistas do fiim *Flaming Youth*, da First National.

☆ ☆ ☆

Falla-se que Natalie Talmadge volverá á tela como *leading-woman* de seu marido Buster Keaton.

Cinema Para todos...

Chronica

O VALOR DE NOSSOS PROGRAMMAS E OS NOVOS CINEMAS PROMETTIDOS

Recebemos a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade, por isso que sempre timbramos em manter o mesmo ponto de vista dos nossos leitores. Se ha nas palavras do nosso correspondente algum exaggero, que seja elle levado á conta do amor em outros pontos revelado pelas coisas cinematographicas. Reclamações ha que sempre se justificam. Nós fomos dos primeiros que as articularam. Deixemos pois que se expandam as queixas em nossas columnas, franqueadas sempre áquelles que nos lêem e nos auxiliam n'essa campanha que vimos travando pelo melhoramento do nosso meio cinematographico. Ahi vae a correspondencia:

"Sr. Operador — *Grandes coisas nos conta o* Para todos... *da remodelação dos nossos cinemas e da melhoria, para o anno, das suas programmações. As noticias são na verdade de fazer a gente arregalar os olhos e a bocca encher-se logo d'agua...*

Mas não ficaremos só na promessa?

Parece, pois que o Sr. Operador fallou em um grande cinema a ser construido nos terrenos do Convento d'Ajuda pelo capitalista Rocha Miranda e eu vi em um dos nossos jornaes a noticia de que o r ferido capitalista vae construir um grande palacio, o mais elevado do Rio de Janeiro no referido trecho urbano, o que é muito differente. Assim sendo, na realidade, parece que uma das promessas ficará no tinteiro. Acontecerá o mesmo com as outras?

Se acontecer, será uma desgraça, Sr. Operador!... palavra de honra! Pois a verdade, a realidade das coisas é que nós, publico pagante, já estamos fartos, cançadissimos de aturar essas saletas em que, quando se exhibe um grande film, ficamos empilhados como sardinhas em lata ou em barrica, sem ar, sem luz, sem commodidade, respirando uma atmosphera pesadissima, capaz de arruinar pulmões de aço.

Creio bem que o Departamento de Hygiene poderia apressar a construcção dos novos salões, condemnando essas malfadadas saletas que fingem casas de espectaculos. A sua intervenção justificar-se-hia plenamente com a defesa da saude publica.

Os nossos mesquinhos salões são focos de graves molestias, Sr. Operador. E a prova é que nas mudanças de estação a grippe assola os espectadores, que se retiram aos espirros e passam uma semana de molho, tudo isso ganho com os 1$500 ou 2$000 pagos á bilheteria.

Que não tardem essas transformações são os votos das victimas pacientes dos Srs. exhibidores.

Um outro ponto que attrahiu curiosamente a nossa attenção foi o relativo á possivel modificação dos programmas dos nossos cinemas.

Se o Avenida, por exemplo, perder os films Paramount, poderá converter-se em um excellente exhibidor de ligeiras comedias em dois rolos, films naturaes, jornaes e caricaturas animadas, que isso calha muito bem á sua capacidade. Vinte minutos a meia hora ainda se póde permanecer nos seus microscopicos salões. O mesmo se poderá dizer do Palais, do Odeon e do Parisiense.

O Pathé já é maior; tambem por isso é o que cobra entradas mais baratas.

O Rialto tem muitos mosquitos e os seus apparelhos sanitarios tornam por vezes a atmosphera irrespiravel. Parece ser uma das rasões, esta, do seu insuccesso.

O Central precisa adquirir em leilão novo mobiliario, que o que lá existe já deu o prego.

O que nos vale ainda são os cinemas da rua da Carioca.

Peço-lhe, Sr. Operador, que nos tranquillise o espirito. Teremos ou não novos cinemas na realidade?

Rio, 18-8-23.

OSCAR GUARANÁ."

Que poderemos dizer? O que publicámos em o passado numero parece responder ás solicitações do nosso impaciente leitor

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

LOUISE HUFF abriu os olhos em Columbus, no dia 5 de Setembro de 1897 e foi educada mesmo na sua cidade natal e em New York na escola Horace Mann. Começou no theatro como amadora e passou a profissional na peça *Granstark*, com os protestos dos paes, para não faltar á regra... Em seguida, representou o papel principal de *Ben Hur*, baseado no celebre romance de Lewis Wallace, que aliaz está sendo filmado agora pela Goldwin. Disseram-lhe depois que no cinema havia mais probabilidades e ella passou-se para elle, começando a trabalhar no velho *studio* da Lubin, em Philadelphia, levando comsigo a sua irmã Justina, que a abandonou semanas depois para se casar com um *cameraman*... Passou-se para a Metro, depois Paramount, estreando-se em *Caprice*, e chamando a attenção em *Waif of the desert* e na primeira edição de *The Old Homestead*. Depois ainda — e este foi o trecho de mais importancia de sua carreira — com Jack Pickford, formando um dos pares mais sympathicos do cinema fez uma serie de films interessantes, dos quaes destacaremos *Extranha influencia* e *Grandes esperanças*. Deixando a fabrica de Jesse Lasky foi para a World onde, como *estrella*, fez mais alguns films, entre elles *Matadores de illusões*, tendo Frank Mayo como galã. Um contracto vantajoso chamou-a para a Selznick e d'esta fabrica abandonou provisoriamente o cinema para se casar com Edwin Stillman, depois de obter satisfactoriamente o seu divorcio com Edgard Jones, de quem tem uma filhinha Marie Louise que é a sua adoração! O seu ultimo trabalho exhibido no Rio foi com Ernest Truex em *O perigo das mulheres*, da Paramount, ha pouco passado no Rialto.

No proximo numero — ALBERTO CAPOZZI.

☆ ☆ ☆

Pauline Frederick vendeu sua esplendida residencia entre Hollywood e Beverly Hills.

☆ ☆ ☆

Em Oakland foi inaugurado o theatro Norma Talmadge. E' a primeira *estrella* de cinema que merece essa consagração.

☆ ☆ ☆

Em um concurso de popularidade levado a effeito em New York, Ramon Navarro foi o vencedor, excedendo os votos que obteve sobre Valentno de mais de dois mil.

☆ ☆ ☆

Marjorie Rambeau vae-se divorciar de Hugh Dillman, artista como ella (e não é frango). Hugh casara-se com Marjorie quando ella se divorciara de Willard Mack, ex-marido de Pauline Frederick.

☆ ☆ ☆

O capital das tres empresas hoje consorciadas na distribuição de suas producções — Goldwyn — Cosmopolitan — Distinctive — é de 70 milhões de dollars.

☆ ☆ ☆

Renée Adorée, esposa de Tom Moore, acaba de ser contractada por Louis B. Mayer por cinco annos para figurar em films dramaticos.

A IMPORTANCIA DA CINEMATOGRAPHIA

Um conhecedor das coisas relativas ao cinema, Martin Quigley, publicou pelo *Exhibitors Herald* uma serie de curiosas informações sobre a industria cinematographica, que aqui resumimos.

Tresentas mil pessoas vivem nos Estados Unidos dessa industria e da exploração commercial dos films. Os salarios pagos durante o anno nos *studios* sobem a 75 milhões de dollars (700 mil contos). O custo approximado dos films produzidos ascende a 200 milhões (1.900.000 contos).

Em 1922 foram feitos 600 films medios e grandes (5 a 14 rolos) e 1.500 de um a dois rolos.

Destes films 84 por cento foram feitos na California, 12 por cento em New York e os 4 por cento restantes em outras localidades.

Nos 15 mil cinemas existentes nos Estados Unidos ha capacidade para 7.605.000 espectadores.

Irene Castle em visita a Claire Windsor.

King Vidor e sua esposa Florence Vidor

Cincoenta milhões de espectadores frequentam semanalmente os espectaculos cinematographicos, cujas entradas renderam, em 1922, 520 milhões de dollars (5 milhões de contos). O numero de pessoas empregadas nesses cinemas é de 105.000. *A média de rolos ou partes por espectaculo é de oito.*

Nove mil cinemas funccionam 7 dias; mil e quinhentos, quatro e cinco dias: quatro mil e quinhentos, um a tres dias por semana.

O custo medio de um film é de 150 mil dollars, dado o alto preço dos salarios e da materia prima.

O gasto das companhias productoras em annuncios e reclames nos jornaes e revistas é de 5 milhões de dollars (46 mil contos) por anno, além de 7 milhões em photographias, cartazes, impressos, *clichés*, etc.

☆ ☆ ☆

Em *Ponjola*, da First National, tomam parte Ruth Clifford, James Kirkwood, Anna Q. Nilsson, Tully Marshall, Joseph Kilgour e Claire Du Bray.

☆ ☆ ☆

Milton Sills, Elliott Dexter, Sylvia Breamer, Myrtle Stedman e Colleen Moore são os principaes artistas do fiim *Flaming Youth*, da First National.

☆ ☆ ☆

Falla-se que Natalie Talmadge volverá á tela como *leading-woman* de seu marido Buster Keaton.

KATHLYN WILLIAMS E LUCILLE RICKSEN NUM

SCENA DO FILM *AMOR REATADO*, DA UNIVERSAL

MARY PHILBIN, já nossa conhecida e anciosamente esperada em *Merry-Go-Round*, foi a escolhida para o papel principal do film *Against the Grain*, da First National, dirigido por Frank Borzage, o grande director de *Humoresque*, que referindo-se a esta artista observou que ella tem a dramaticidade de Sarah Bernhardt, a belleza de Olive Thomas, o encanto de Mary Pickford e a arte de Pawlova.

Mary Philbin nasceu em Chicago e recebeu a sua educação na principal escola desta mesma cidade, tendo occasião de se aperfeiçoar em dança e musica.

Aos 13 annos já era professora de dança e creou com isto uma certa fama na sua cidade natal.

Frank Borzage, que já viu em sessão privada o seu trabalho em *Merry-Go-Round*, da Universal, está enthusiasmadissimo com ella e tem grandes esperanças no seu futuro.

Os demais artistas do film são: William Collier Jr., Myrtle Stedman, Frederick Truesdell, Aggie Herring, o extraordinario J. Farrell Mac Donald e os *gurys* Frankie Lee, Mary Jane Irving e Bruce Guerin.

Viola "debochando" o amor latino na pessoa desse judas phantasiado de Valentino.

Malcolm Mac Gregor é casado e tem uma filha.

A filmagem de "The Famous Mrs. Fair", da Metro.

Jackie Coogan recebendo em visita o "Mayor" de Los Angeles

ESPLENDIDA MENTIRA

Montague Delafield pertencia a esta classe de homens activos e emprehendedores, com grande capacidade para ganhar dinheiro e maior ainda para gastar. De sorte que vivem na opulencia e morrem na miseria. Para o proprio individuo este talvez seja o methodo ideal da vida, mas se elles têm herdeiros, como era o caso de Montague Delafield, o methodo é mau para os herdeiros.

Montague deixou o seu velho pae na pobresa e indigencia mesmo, se não fosse a sua joven filha, Dorris, espirito energico e resoluto, que comprehendeu logo o que lhe era de mister fazer.

Seis mezes depois do triste acontecimento ella tirava o curso de uma escola commercial e encontrava trabalho como secretaria particular de um amigo de seu fallecido pae. Dedicou-se com afinco aos seus deveres e, intelligente e laboriosa, não lhe foi difficil conquistar dentro de curto espaço a plena confiança do patrão. Mas o esforço para se tornar uma auxiliar preciosa custou-lhe o exgottamento physico e sua saude passou a exigir um pouco de repouso e de ar puro.

Julgando-se um tanto culpado, pelo esforço que exigira de sua secretaria, o patrão offereceu-lhe uma licença e todas as despesas da villegiatura. Fosse para Hot Spring, na Virginia, clima excellente, aconselhou-lhe o patrão, e Dorris acceitou, marcando a viagem para d'ahi a uma semana, mas ausentando-se logo do trabalho para fazer os preparativos da viagem.

N'esse interim seu patrão resolveu tambem descançar e escreveu a Dorris, não só lhe communicando isso como tambem que iria para Hot Spring e se hospedaria no mesmo hotel em que ella.

Era o facto mais natural d'este mundo e Dorris não percebeu nenhuma maldade n'essa coincidencia.

Mas o mesmo não pensou a dona da pensão em que a moça morava. A carta do patrão, que Dorris viu motivos para occultar a olhos curiosos, foi apanhada pela mulher e dentro em pouco todos os moradores da pensão sabiam que Dorris ia passar uma temporada em companhia do patrão n'uma estação climaterica.

Dorris foi prevenida dos mexericos da megera, aborreceu-e, chamou-a á falla, disse-lhe duas verdades e deu o caso por encerrado, declarando que quando voltasse procuraria outra casa, que fosse "menos bisbilhoteira e linguaruda."

(THE SPLENDID LIE)

Film da Arrow, lançado em 1922 e dirigido por Charles T. Horan.

DISTRIBUIÇÃO

Dorris Delafield	Grace Davidson
David Delafield	John Drumier
Crafton Wolcott	Noel Tearle
Dean De Witt	J. Thornton Baston
O banqueiro....	Jere Austin

Depois de alguns dias no hotel em Hot Spring, Dorris foi apresentada a um tal Dean De Witt, typo de bella presença, boas maneiras e boas roupas — tres requisitos que abrem a porta á sympathia de qualquer filha de Eva. Isso foi o que Dorris viu e que lhe conquistou as boas graças; mas o que ella não podia ver é que De Witt era um individuo de má reputação no que concernia ás mulheres.

Dorris fallou-lhe logo aos sentidos e elle iniciou o assedio com ardor e conquistou galhardamente a praça. Don Juan sem escrupulos, esqueceu-se de que era casado e propoz matrimonio a Dorris, com grande contentamento da pobre rapariga, que estava longe de suspeitar a villania de que era victima.

De Witt telegraphou logo ao seu joalheiro encommendando um rico annel para a sua noiva, mas um *quiproquo* fez que a joia fosse parar ás mãos de sua esposa.

Esta, conhecendo de sobra a força do marido, abalou immediatamente para onde elle estava, indo surprehendel-o em pleno "noivado".

Colhida de improviso, Dorris protestou pela sua innocencia; que ignorava

absolutamente o estado de casado do homem que a cortejava, mas a Sra. De Witt, enciumada, ferida no seu amor proprio, fez escandalo e Dorris viu-se amavelmente convidada pelo dono do hotel a retirar-se "a bem da reputação do estabelecimento".

Pouco depois alli chegava o patrão de Dorris, o gerente do hotel queixava-se de lhe haver elle mandado uma hospede de tal calibre, e Dorris não demorou a receber uma carta em que seu patrão lhe dizia achar desnecessaria a sua volta ao seu posto de secretaria.

De volta a New York, Dorris viu-se deante de perspectivas sombrias. Não só perdera um bom emprego como em circumstancia que lhe tornava difficil obter a carta de referencia que lhe daria accesso a outro logar. Comtudo não desesperou e dirigiu-se ao estabelecimento bancario de James Holden & Son. Holden fôra tambem amigo de seu pae e não lhe negaria trabalho. Mas o velho havia fallecido e quem a recebeu foi o Sr. Holden Junior.

Lamentava muito não ter uma vaga para dar á filha de um amigo de seu pae, disse-lhe elle; e depois de meditar um instante lembrou que talvez lhe servisse o logar de secretaria e dama de companhia... Sim, sua mãe estava justamente procurando uma pessoa n'essas condições e se ella quizesse...

Dorris quiz, Holden telephonou immediatamente a sua mãe e meia hora depois a moça era levada por um creado formalisado á presença da velha Sra. Holden.

A impressão foi de parte a parte excellente, e Dorris installou-se no palacete Holden, bem paga e tratada com consideração.

Não se passou muito tempo da presença de Dorris em sua casa, que o joven Holden não se sentisse seriamente apaixonado por ella. Consultada pelo filho, a velha senhora, que se acostumara a ver em Dorris um espirito e um coração de excellentes dotes, achou "muito feliz" a escolha do rapaz.

... intelligente e laboriosa

O casamento não se demorou e foi realisado com a pompa e cerimonial a que fazia jus a alta representação de um dos mais ricos banqueiros de New York.

Mas a má sorte de Dorris espreitava para mais uma investida contra a sua felicidade.

A Sra. De Witt, esposa do patife que tentara arruinar a vida de Dorris, era apenas irmã de James Holden. Ausente de New York, logo que recebeu communicação do casamento do irmão, apressou-se a voltar para conhecer a cunhada. Quando viu quem esta era, fez um grande escarceu e denunciou a cunhada como pessoa sem moralidade.

A velha Sra. Holden ficou indignada ante a accusação, exigiu detalhes e Dorris contou-lhe alli mesmo como as coisas se haviam realmente passado.

Sim, estivera em Hot Spring, recebera a côrte de De Witt, mas ignorava que elle fosse casado. E concluiu pedindo ser confrontada com De Witt, em cujo rosto queria atirar a indignidade da sua fraude.

O pedido de Dorris foi, como era natural, satisfeito. De Witt chamado pelo telephone não tardou a comparecer e não fosse um individuo senhor dos seus gestos e teria trahido o seu espanto ao ver-se alli em presença de Dorris. Informado do casamento de Dorris com o seu cunhado, De Witt, que, afinal era um *gentleman*, apesar da fraquesa pelo jogo, pela bebida e pelas mulheres, confessou toda a verdade, satisfeito de poder reparar a sua falta. E no desejo de penitencia completa, inventou mesmo a esplendida mentira de que tinha arranjado um pastor de suas relações para fallar d'elle a Dorris como um individuo particularmente bom e religioso.

A velha senhora fez então sua filha pedir desculpas á nora, ficando combinado que nada do que se passara fosse referido a James, que se achava ausente n'aquelle momento, de maneira a evitar a menor sombra na sua felicidade.

Assim se fez effectivamente e James nunca veiu a saber dos desagradaveis accidentes que por pouco abysmaram a vida da sua querida esposa.

Na hora da reparação todas as satisfações lhe foram dadas — inclusive a do seu primeiro patrão, que não demorou a pedir-lhe perdão da sua leviandade, dando ouvidos a imputações, que elle, pelo que d'ella conhecia, estava no dever de não acceitar sem previo exame.

E assim Dorris poude partir feliz para a viagem de nupcias.

... e que conquistou as boas graças

O THESOURO AFUNDADO

— Leslie, tu ficas cada vez mais extravagante e desmiolada, trazendo meu pobre coração em sobresalto, fallava a Sra. Trelawney a sua linda sobrinha Leslie Mac Leod.

— Tu me julgas, então, tia Eleonor, tal especie de rapaz endiabrado, que receies constantemente pela minha vida?

— Oh! meu Deus! aonde irás parar com essas tuas manias de galopadas a cavallo atravez de sebes e barrancos, de corridas de automoveis, de ascensões em aeroplanos, com as tuas motocyclettas? dizia a Sra. Trelawney.

Mas a sobrinha lhe retrucava que a gente "só é moça uma vez e que deve aproveitar emquanto não chegam os rheumatismos que nos obrigam a ficar enrolada ao canto do fogo".

Mas a tia Eleonor insistiu, tanto mais quanto já era tempo de Leslie assentar a vida.

— Assentar a vida? Como? indagou curiosamente a moça.

— Ora como... Uma moça de sociedade como ella sabia perfeitamente qual era o meio de assentar a vida.

— Comprehendo, replicou Leslie, mas ainda estou muito moça, não tenho muita pressa, além do mais, porque o homem com quem desejo casar-me ainda não está em situação.

Esse homem era Kenneth, Lord Glenayr, que a tia Eleonor concordava ser da mais bella estirpe do reino, não havia duvida, mas que, quanto a dinheiro, continuava como todos os Lords Glenayr, que ha dusentos annos eram "pobres como camondongos de igreja".

— E lá no teu modo de pensar, indagou Leslie, quem me proporias para marido?

A Sra. Trelawney então, cheia de habilidades e geitos, fallou n'um homem rico, capaz de satisfazer todos os caprichos de Leslie, sobretudo porque a amava doidamente.

— Mas afinal, quem é? apertou a moça.

Era o general Lanzana, embaixador hespanhol, rico como um Cresus e cuja esposa teria uma brilhante situação na côrte hespanhola. E continuando, a tia Eleonor relatou á sobrinha as confidencias que ouvira do general Lanzana.

O caso passara-se ha muitissimos annos. Da Armada de Hespanha, mandada contra a Inglaterra, fazia parte um navio de nome *Santa Genovieva*. Parece que a bordo d'esse navio estavam as joias da rainha de Hespanha, e elle foi afundado a cinco braças de profundidade, justamente defronte d'esta parte das costas da Escocia. O general diz que vae tentar a salvação d'esse thesouro fabuloso e que se o conseguir será feito duque de Valladolid.

— Que dizes agora de tal personagem para esposo? concluiu a Sra. Trelawney.

Leslie ouviu tudo em silencio e depois com voz serena, mas onde havia tom das coisas inabalaveis, fallou:

(THE BEST OF LUCK)

Film da Metro :: :: :: *Producção de* 1920

DISTRIBUIÇÃO

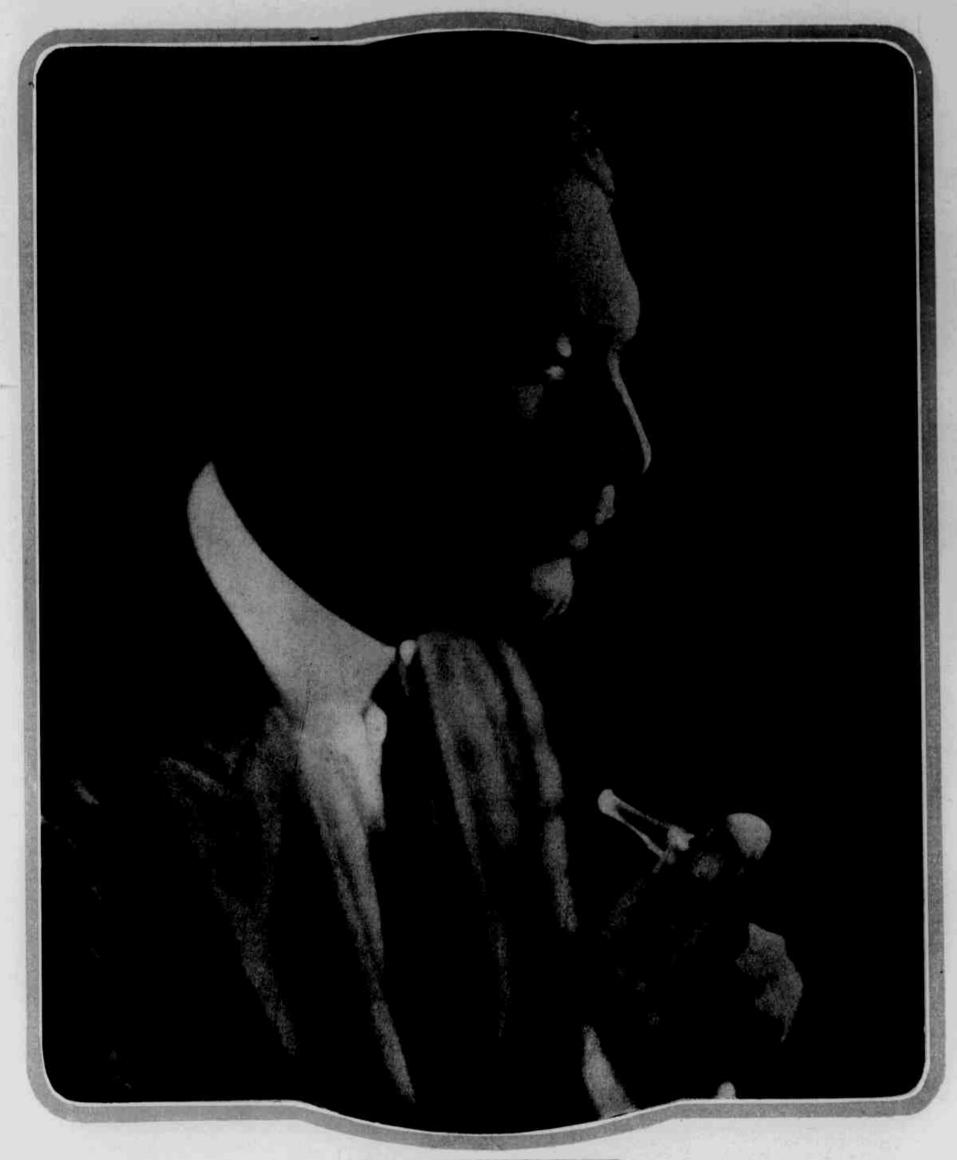
Leslie Mac Leod..........	Kathryn Adams
Kenneth, Lord Glenayr....	Jack Holt
General Lanzana..........	Fred Malatesta
Lady Blanche Westamere...	Lilie Leslie
Condessa de Streacaird.....	Frances Raymond
Blake	Emmett King

— Minha tia, eu não me casaria com o general nem que elle fosse o rei de Hespanha e imperador de metade da Terra. Para mim elle não passa de um libertino e de um mau individuo, no sentido amplo da palavra. Embirro absolutamente com aquelle sorriso unctuoso e falso e assim esperarei pelo meu Kenneth, um seculo que seja.

Essa palestra serviu de muito a Leslie. N'essa mesma noite, encontrando-se em uma *soirée* com Kenneth, ella lhe relatou tudo quanto a tia ouvira do hespanhol, a respeito do tal navio naufragado de que Kenneth a entretivera tanta vez. O rapaz agradeceu a amada o aviso, declarando que a disputa que se esboçava entre os dois era mesmo extremamente curiosa, pois o *Santa Genovieva* era commandado por um antepassado do general Lanzana e fôra posto a pique por um Trelawney. O seu unico receio era que o general possuisse uma carta indicando o logar exacto do naufragio, ao passo que elle nenhuma referencia tinha. Em todo o caso a vantagem do adversario não o descoroçoava e elle ia atirar-se á aventura com dobrado vigor.

Algumas semanas apoz essa palestra com Lord Glenayr, Leslie foi a Londres, e na sua permanencia na capital encontrou uma velha conhecida sua, Lady Blanche Westamere, antiga apaixonada de Lord Glenayr e que não ignorava ser Leslie a causa do seu insuccesso junto do joven Lord. Foi essa a alliada que o general Lanzana, tambem repellido por Leslie, mas disposto a conquistal-a de qualquer modo, encontrou para realisar os seus planos diabolicos. Attrahida pela promessa de régia recompensa e visando ao mesmo tempo o seu caso affectivo, Lady Blanche mostrou tanta amisade a Leslie que em poucos dias eram companheiras inseparaveis. O trabalho de Lady Blanche progredia rapido e uma noite ella conseguiu arrastar Leslie Mac Leod á casa do general Lanzana. O fidalgo hespanhol recebeu-as com extrema cortesia e depois de algum tempo de palestra offereceu-lhes uma taça de magnifica *champagne*, que acabava justamente de receber. Quando elle servia a bebida nas taças, o creado veiu annunciar que o telephone chamava Lady Blanche. Esta levantou-se, e emquanto Leslie voltara-se para ella, que dizia alguma coisa, o general aproveitou a opportunidade e derramou um narcotico na taça da moça. Leslie percebeu a manobra pelo espelho, mas com grande presença de espirito fingiu-se alheia ao facto, concentrando todas as suas faculdades em encontrar um meio habil de desviar o golpe, que via agora lhe ter sido preparado. Pegou naturalmente na taça como para levá-la aos seus labios, que se abriram no mais encantador sorriso, porém, simulando ter a sua attenção despertada por um objecto disposto na parede que ficava por traz do general, fez que este se voltasse e n'essa occasião trocou a sua taça com a d'elle. Depois as taças se ergueram e se esvasiaram e Lanzana de olhos fixos no rosto de Leslie esperou attento e ancioso os effeitos da droga. Mas eis senão quando quem começa a empallidecer e a sentir a vista turva é elle proprio. O homem teve a nitida intuição do que se passara e com uma blasphemia levantou-se titubeante e avançou para a moça, procurando subjugal-a antes de cahir vencido pela acção do narcotico. Luctou desesperado para alcançar a campainha, mas a educação sportiva de Leslie permittiu-

(*Termina no fim da revista*)

1) *Leslie só pensava em* sports...
2) *... manias de galopadas a cavallo...*
3) *Leslie não supportava o general Lanzana.*

A proposito do contracto de Douglas Fairbanks Junior, diz Jesse Lasky: "E' uma das melhores coisas que tenho feito até aqui. O joven Doug é o typo perfeito do rapaz americano, do rapaz como eu desejaria fosse meu filho. Gostei d'elle desde o primeiro instante em que o vi e o mesmo acontecerá a quantos o vejam na tela."

LEW CODY

DA

ARROW

Theodore Roberts está *posando* ou "bancando" Moysés no film de Cecil B. de Mille, *Os dez mandamentos*. Como tal elle teve de pôr de parte o seu inseparavel charuto, o que o faz resmungar todo o dia:

— Vida apertada! Um propheta não póde ter ao menos seus pequenos vicios!

UMA ENTREVISTA COM VIRGINIA VALLI

Quando cheguei ao aristocratico hotel da Madison Avenue, o *Ritz Carlton*, perguntei logo ancioso se por acaso não havia sahido a senhorita Valli, que me havia marcado uma entrevista para aquella manhã.

— Está, respondeu-me o gerente. Apartamento n. 24. Póde fallar-lhe quando queira.

Sobre Virginia Valli corre uma serie de historias cada qual mais sem sentido. Dizem-n'a umas nascida no palco, outros cahida no cinema por acaso. Por isso mesmo, depois de alguns cumprimentos á formosissima mulher que me recebia com tanta graça e hospitalidade, abordei o assumpto, fazendolhe a interrogação fatal:

— Como entrou para o cinema ?

Ella riu com aquelle seu riso claro e aberto.

— Já esperava por isso. Dizem-se de mim coisas bem espantosas, não é? Pois é tudo phantasia de gente desoccupada. Eu entrei para o cinema por espirito de contradição.

— Como ?

— E' verdade. Meus paes, por isso que eu uma vez manifestara possuir vocação para a scena, trataram logo de contrariar-me mettendome como interna em um convento. Com isso esperavam fazerme esquecer taes idéas. Mas... o cinema é um demonio que invade os mais secretos logares. No convento nós só fallavamos a respeito dos artistas. Tinhamos todos as revistas cinematographicas, que compravamos por intermedio das alumnas externas. Faziamos collecções de retratos, que escondiamos das professoras. E assim foi que mal completei minha educação em Chicago, a primeira coisa que fiz foi tomar o trem para New York e correr aos *studios* de Fort Lee. Infelizmente achei-os fechados a todos, de sorte que ahi

soffri a minha primeira decepção. Mas passados dias li um annuncio em que uma companhia de Millwaukee solicitava artistas, bonitas e talentosas. Eu não sou vaidosa, mas como possuo uma certa dóse de *aplomb,* fui ao director e me inculquei como artista velha, tendo trabalhado já muitas vezes. Entretanto até aquelle dia eu jámais penetrara em um *studio,* nunca *posara* deante de uma machina... Sahi-me melhor do que pensava e nessa empresa trabalhei seis mezes. Fui depois para Hollywood. Logo no primeiro *studio* em que penetrei fui contractada. Já é ter sorte, não é ?

— De facto.

— Trabalhei com a Essanay, Fox, Metro e Goldwyn. Depois passei para a Universal, cujo film *Tempestades d'alma* elevou-me á categoria de *estrella.* Como vê, nada ha de extraordina-

rio em minha carreira. Um pouco de sorte e uma dósesinha de caradurismo e...

— Venceu?

— Venci de facto, e bem satisfeita me considero ante as milhares de cartas que diariamente recebo applaudindo o meu trabalho.

☆ ☆ ☆

Para mostrar como os productores americanos estão cortando largo, conta-se a anecdota seguinte:

Charles Brabin, o marido de Theda Bara, que fez *Driven* á sua custa, foi, faz pouco, contractado pela Goldwyn. Escolheu um argumento, assentou as bases para a sua filmagem, foi-se entender com os directores da empresa. Expoz a Abraham Lehr, vice-presidente, o que tinha feito, citou o nome dos artistas contractados e acabou dizendo: "Deve custar tudo 70.000 dollars".

Os directores presentes á entrevista levantaram as mãos para o ceu, horrorisados, exclamando: "Mas homem de Deus, que quer você fazer com 70.000 dollars? Olhe que se trata de um film especial e que tem de custar pelo menos 250.000".

Charles Ray e o seu photographo George Rizard.

O afamado casal Martin Johnson, responsavel pelo maravilhoso film "Trailing African Wild animals", da Metro.

Dizem que o divorcio de Elsie Ferguson foi devido á extrema sensibilidade do seu temperamento. Depois de alguns mezes de intenso trabalho artistico ella carece de repouso. Em 1921 fez ella, com o marido, uma longa viagem atravez da Europa. Essa viagem foi até, ao que se diz, uma segunda lua de mel. Tempos depois foi ella sósinha para o Oriente.

Elsie nasceu em 1886, foi corista, passando depois a desempenhar papeis dramaticos. Foi casada em primeiras nupcias com Fred Hoey, em 1907, do qual se separou em 1911. Com Thomas B. Clarke Junior esteve casada sete annos.

☆ ☆ ☆

Porter Strong, que por muitos annos trabalhou com Griffith, falleceu em New York a 11 de Junho de molestia do coração. Seu ultimo trabalho foi em *The White Rose*. Tinha 44 annos.

☆ ☆ ☆

Jean Acker, a primeira mulher de Rodolph Valentino, está para se casar, dizem, com o marquez Luis de Bazany Sandoval, nobre hespanhol (se não for de contrabando) que anda a passear pelos Estados Unidos.

MARGARET LEAHY

Quando Norma e Constance Talmadge estiveram recentemente na terra da loura Albion, o *London Daily Sketch* organisou um concurso, apurando qual era a rapariga mais bella e de mais talento, para voltar com ellas para a America, figurar durante algum tempo em seus films e tornar á sua patria, se estivesse na sua vontade, é claro, com as glorias de *estrella*. Entre 80.000 concorrentes, foi vencedora a linda Miss Margaret Leahy, londrina de nascimento e nobre ascendencia, cujo retrato estampamos n'esta pagina, associando-nos tambem ás homenagens prestadas á rainha da bellesa britannica.

OLIVER TWIST

Imaginae, se vos é possivel, a mais negregada das instituições que jámais se propoz á tarefa de abrigar, em nome da caridade, as creaturas desherdadas da sorte, e tereis o asylo inglez que no seculo dezoito era dirigido por um ser cruel e sem entranhas conhecido como o "Bedel" e governado por meia duzia de cavalheiros de peruca, muito cheios de si, apesar da magresa dos auxilios da parochia que os sustentava.

Foi nessa casa que, atirada pelos vagalhões da vida, encalhou um dia a fragil creatura, trazendo comsigo as dores da maternidade.

Foi alli e foi assim que Oliver Twist fez a sua entrada n'este mundo de miserias.

D'onde viera a desgraçada e para onde ia, quando a encontraram desfallecida nas immediações do asylo, não era coisa que importasse áquella gente, e, por isso, não admira que não se descobrisse quem era o pae do desgraçadinho nem qual era o nome de sua mãe. Twist foi o nome que lhe outorgou o bedel quando o entregou á velha megera que devia crear o menino e que devia cuidar d'elle até que lhe chegasse a edade de reintegrar o asylo.

Oliver tinha, pois, sete annos, quando voltou para soffrer as torturas de um regimen cruel, que consistia em morrer lentamente sob o trabalho penoso, caso resistisse o paciente á fome, que uma sopa magra e parcamente servida tornava mais suppliciante.

Com os dedos sangrando de fiar estopa para a calafetagem dos navios britannicos, e com o estomago vasio, eram innarraveis os padecimentos de todos aquelles garotos, por isso, de uma feita, o maior e o mais alentado do bando declarou que comeria o seu visinho se lhe não dessem mais comida.

Lançou-se a sorte para ver quem reclamaria maior provisão do cosinheiro e o papelucho com o signal preto designou o pobre Oliver.

Quando soou a hora da refeição e que as tigellas foram rapidamente lambidas, o companheiro maior e todos os outros companheiros olharam para Oliver e elle, sem tremer, approximou-se do cosinheiro, estendendo a sua vasilha:

— Senhor, eu quero mais sopa.

O cosinheiro arregalou os olhos e o bedel, que na hora da *boia* estava sempre vigilante para evitar que cahissem algumas gottas a mais em qualquer das tijellas, escancarou a bocca, de assombro. Mas compellido pelo primeiro impulso, Oliver repetiu o pedido:

— Quero mais sopa, senhor!

E foi um verdadeiro reboliço no estabelecimento.

O cosinheiro berrou, os directores accorreram e a audacia do pequeno Oliver foi objecto de grave deliberação. Se o pequeno não fosse severamente punido seria o desencadeamento da rebellião. Mas não havia castigo bastante para tão grande crime, por isso no dia seguinte um grande cartaz na parede externa da instituição annunciava a recompensa de cinco libras a quem quizesse tomar o pequeno Oliver para aprendiz de qualquer coisa.

Eis a rasão porque o pequeno Oliver se achou em casa do Sr. Sowerly, o dono da empresa funeraria local, casa onde além do respeitavel coveiro viviam mais sua mulher, a empregada Carlotta e o auxiliar de Sowerly, Noah Claypole. Mas a sorte não parecia ter mudado grande coisa para Oliver.

Se n'aquella nova residencia o seu estomago padecia menos, tendo para repasto o que sobrava ao enfaramento dos outros, a sua miseria moral continuou a mesma.

Despresado e sem um olhar de sympathia, elle supportava resignado os escarneos de todos e especialmente de Noah. Mas um dia a sua pobre almasinha transbordou, quando Noah lhe perguntou a respeito de sua mãe e teve expressões grosseiras e insultuosas para o ente que elle, coitado! não tivera a ventura de conhecer, mas que o instincto lhe dizia ser digna do seu amor e veneração. N'um impeto de revolta, Oliver atirou-se ao rapazote e com um vigor de que elle proprio não se julgara

(OLIVER TWIST)

Film da Associated First National, apresentado por Sol Lesster. Producção de 1922.

DISTRIBUIÇÃO

Oliver.........	Jackie Coogan
Nancy Sikes...	Gladys Brockwell
Mr. Brownlow.	Lionel Belmore
Fagin	Lon Chaney
Bill Sikes......	George Seigmann
Mr. Sowerly...	Nelson Mac Dowell
Noah Claypole.	Lewis Sargent
Bumble........	James Marcus
Carlotta	Joan Standing

... elle supportava os escarneos de Sowerly e Bumble...

capaz, derrubou-o e esmurrou-o á vontade, até que Sowerly acudisse. Carlotta tomou o partido de Noah. O patrão não havia de tomar outro e Oliver ouviu a sentença tremenda — voltaria para o asylo.

"Vivo eu não voltarei para o asylo!" ajuntou elle quando se viu só no deposito de carvão, em que o patrão o encerrara.

Quando o sol nasceu no dia seguinte encontrou Oliver longe d'aquelles sitios de tristes recordações, na estrada real que levava a Londres.

Tinha no bolso uma codea de pão e um *penny*, mas que importava! em Londres elle encontraria trabalho para não morrer á fome e estaria salvo do Bedel e de Sowerly — o que era o principal.

Ao cabo de sete dias de marcha, Oliver avistava as serras da grande cidade, mas o exgottamento da longa caminhada, das noites mal dormidas e da fome, haviam-lhe arrebatado as ultimas forças e elle deixou-se cahir, com o olhar embebido nas flechas das torres e nos vitraes das casas que brilhavam illuminados pelo sol ao longe.

E n'essa *rêverie* adormentada Oliver viu surgir deante de si, a miral-o curioso, um personagem sujo e maltrapilho, a perguntar-lhe para onde ia elle, que fazia alli, no calão das ruas.

Oliver respondeu com simplicidade: tinha fome e não possuia um vintem. Então a pequena figura, extraordinaria na apparencia, que lhe emprestava o gibão que lhe descia até aos joelhos e cujas mangas se enrolavam de muitas voltas para lhe deixarem as mãos livres que elle enterrava no bolso, em gesto de perfeito garoto, disse a Oliver que conhecia em Londres um velho senhor alegre que lhe daria moradia de graça.

Oliver levantou-se e pediu que o levasse ao bom homem, mas o garoto declarou ser muito cedo.

Só entraria em Londres á noite, quando o velho *gentleman* o esperasse.

E em seguida, auxiliando os passos tropegos de Oliver, foram a uma taverna alli proximo, onde elle pagou de comer e de beber. E n'esse meio tempo Oliver soube que o rapaz se chamava Jack Dawkins, mas para os seus companheiros era o "Trapaça".

Eram quasi onze horas da noite quando os dois entraram em Londres. Oliver teve a decepção de não encontrar as ruas magnificas, povoadas, de edificios magestosos, de lojas vistosas, de que tanta vez ouvira fallar.

As viellas estreitas, escuras e sujas, cheias de uma população mais escura e sordida ainda do que as casas, infundiram-lhe uma vontade irresistivel de voltar para traz e continuar a sua fuga incerta.

Mas deixou-se conduzir pelo companheiro, até que chegaram a uma casa lobrega, cuja porta o "Trapaça" empurrou, ao mesmo tempo que modulava um assobio particular.

O signal foi respondido por uma senha e elles desceram a escada que conduzia ao pavimento subterraneo.

Pouco depois, n'um compartimento encardido, onde ardia uma lareira da qual subia o ranço de linguiças que fritavam, Oliver achou-se defronte da figura repulsiva e asquerosa de um velho judeu.

Oliver sentiu-se confrangido e pensou em Sowerly e no Bedel, Bumble; como eram bellos ao lado d'aquelle monstro horripilante!

Junto ao fogo havia uma mesa, ao redor da qual se abancavam quatro ou cinco rapazolas, todos de edade approximada de "Trapaça", mas que fumavam longos cachimbos e bebiam aguardente como homens.

Todos o olharam como a examinal-o e depois o velho fallou-lhe com extrema habilidade:

— Que prazer em conhecel-o!

... um ambiente como jámais conhecera...

Está certamente com fome, coma á vontade!

E Oliver pela primeira vez na sua triste vida comeu com prazer, era bom o que lhe davam. Comeu e bebeu uma coisa saborosa e que lhe provocou um torpor agradavel nos membros lassos.

Que se fosse deitar, disse-lhe o velho com cuidado paternal. E a pestanejar de somno Oliver atirou-se ao grabato e adormeceu, tendo na retina a visão da immensa quantidade de lenços, de todas as fórmas e feitios, que se achavam pendurados por todo o aposento.

E na manhã seguinte foi a primeira coisa em que elle pensou ao despertar.

"Como podia o velho folgasão achar utilidade para tanto lenço?" E Oliver anda se admirava da extranha coisa, quando o velho lhe deu que fazer.

... foi assim iniciado na arte de subtilisar objectos...

O "Trapaça" e os outros companheiros traziam-n'os á noite, com muitos outros objectos mais — relogios, bolsas, caixinhas de rapé, tudo isso com immensa satisfação do velho.

Oliver, entretanto, não tardou muito tempo a saber a procedencia dos lenços e do mais, porque um dia, depois de uma serie de demonstrações que se repetiam todas as noites no aposento entre o velhote e os seus companheiros, inclusive Oliver, que assim foi iniciado na arte de subtilisar objectos do bolso alheio sem despertar a attenção do paciente — elle teve permissão para acompanhar o "Trapaça" e Charles á rua e assistiu ao trabalho do primeiro, roubando o lenço de um velho senhor.

Fez-se uma grande luz no cerebro de Oliver e sua impressão foi tamanha, que elle disparou a correr, despertando a attenção do homem, que, sentindo-se roubado, deu o alarme e apontou o garoto em fuga como o auctor do furto. Agarrado, elle protestou a tremer de pavor:

— Não, não sou o ladrão, estou innocente.

O velho compadeceu-se deante das lagrimas e do ar sincero do garoto, mas o *policeman* já havia intervindo, e Oliver foi levado ao tribunal. O juiz era carrancudo e severo porém o livreiro, em cuja loja se passara o incidente, veiu affirmar a innocencia do desgraçadinho, com grande contentamento do Sr. Brownlow, o cavalheiro roubado, que o tomou á sua conta, levando-o para casa.

Oliver, combalido pelas privações physicas e emoções, cahiu seriamente doente, mas tratado com carinho recobrou a saude e com ella a alegria de se encontrar em um ambiente como jámais conhecera na vida.

O velho compadeceu-se immensamente quando soube da triste existencia do pequeno naufrago e prometteu que o guardaria sempre comsigo, a não ser que elle desse motivos para elle proceder de outra maneira.

N'esse momento o velho judeu Fagin, não só por temer as indiscreções de Oliver como por ver n'elle um futuro auxiliar precioso, decidiu tudo fazer para se apossar de novo do pequeno, entregando a tarefa á habilidade de uma comparsa sua, de nome Nancy.

Um dia o bom Sr. Brownlow deu uma cedula para pagar a sua nota na livraria. Oliver disse que estaria de volta dentro de 15 minutos, mas já fazia noite e elle nada de apparecer.

E' que, a poucos passos da casa, Oliver se viu agarrado pela tal Nancy que, explicando ás pessoas cuja attenção fôra despertada pelo berreiro do menino, que elle era irmão d'ella e havia fugido do lar, o arrastou até ao antro do judeu, onde o misero Oliver se viu despojado das boas roupas que trazia e reintegrado nos trapos antigos.

Mas Fagin tinha outras rasões

(*Termina no fim da revista*).

... e de sua tia...

ENCANTO

Luz dos meus olhos, sonho da minha alma, enlevo da minha mocidade — amo-te!

A tua bellesa deslumbra o meu espirito como o sol deslumbra a Terra!

A tua bellesa é o meu mais rutilo thesouro!

Os teus cabellos bastos, brilhantes e sedosos, me pertencem! Aos seus fios de ouro ficou para sempre preso o meu Destino!

Os teus olhos ceruleos representam o ceu da minha crença! Quando estou resando, dirijo-me aos teus olhos...

As tuas mãos brancas são perfumadas e macias — tão perfumadas e macias como as magnolias! Durante o dia tenho extases. A' noite tenho sonhos. E nos meus sonhos e nos meus extases, beijo e aspiro as tuas mãos!...

CARLOS A. LIMA.

Laudelina, filha do Sr. Accacio Caria

CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

A Loção Brilhante *é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma fórmula scientifica do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por* 200 *contos de réis.*

E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro, e analysada e auctorisada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

1º—*Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.*

2º—*Cessa a quéda do cabello.*

3º—*Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos, voltam á côr natural primitiva sem serem tingidos ou queimados.*

4º—*Detém o nascimento de novos cabellos brancos.*

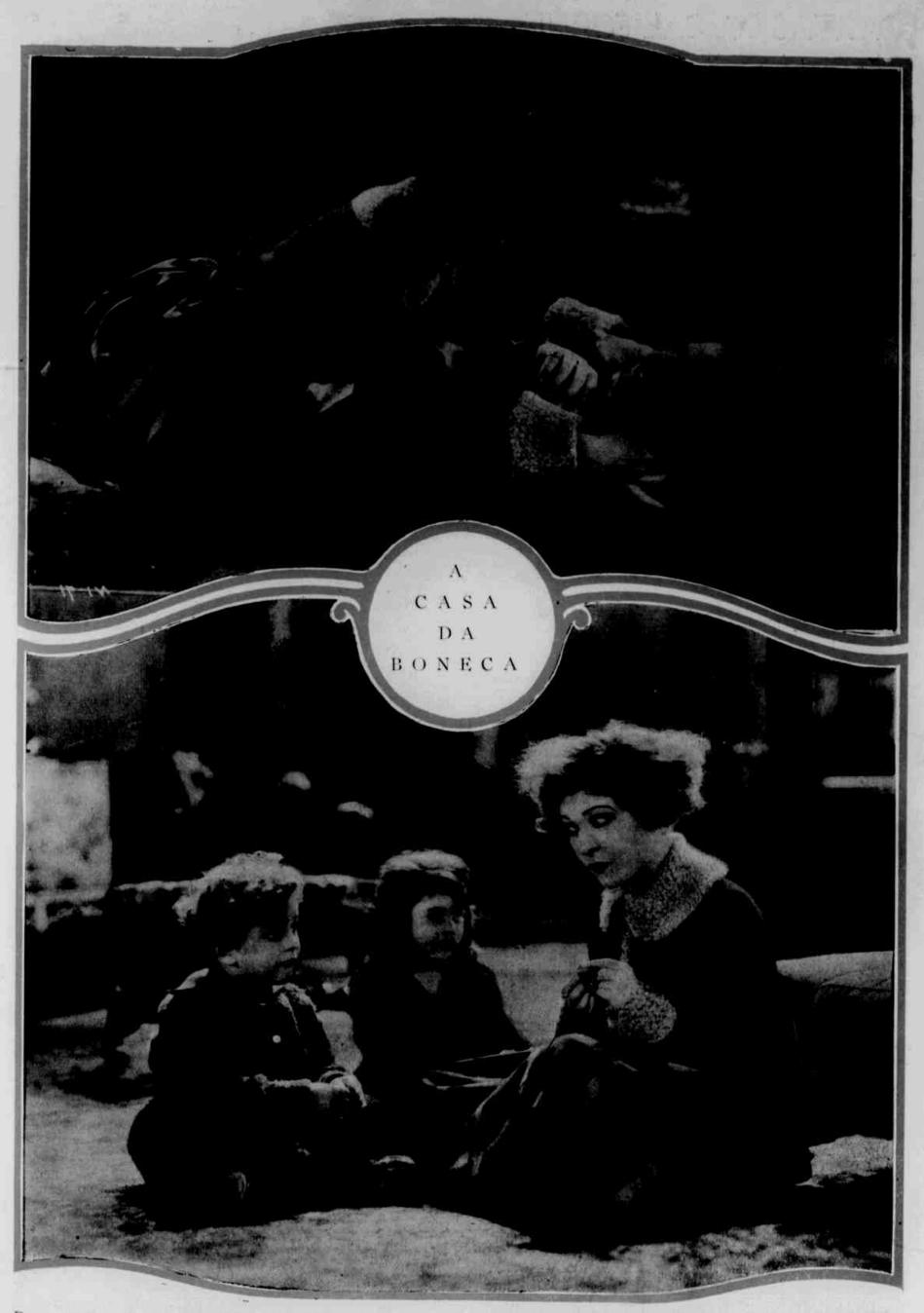
5º—*Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.*

6º—*Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.*

A Loção Brilhante *é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.*

A' venda em todas as Drogarias, Perfumarias e Pharmacias de 1ª ordem.

Pedidos a Antonio A. Perpetuo — Caixa Postal, 1.122 *— Rio de Janeiro.*

Preço de um vidro 7$000, *pelo correio* 8$000.

Duas scenas da versão cinematographica da peça de Ibsen, filmada pela United Artists. No alto: Nazimova, a protagonista, com Allan Hale, um dos principaes actores, e em baixo: a grande tragica russa com dois orphãosinhos francezes, que tambem tomam parte no film.

CARTAS DA CALIFORNIA

V

A "RENTRÉE" DE WILLIAM HART

A semana foi toda cheia por essa noticia. Depois de dois annos de ausencia, William Shakespeare Hart, o famoso *cow-boy* de physionomia tão expressiva, volvia a apparecer ante a camara cinematographica.

Foi um velho amigo de Hart, amigo dos primordios do cinema, Jesse Lasky, o vice-presidente da Famous Players Lasky Corporation, quem offereceu ao publico essa novidade sensacional.

Miss Elisabeth Mac Caulley, a accusadora de William Hart.

A figura tão expressiva de William S. Hart já ia se apagando da memoria, dos *fans*, dos devotos do cinema.

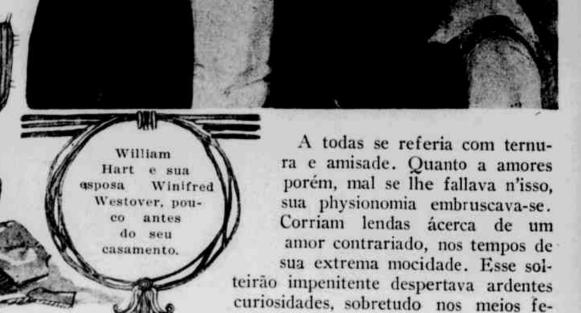
Cada dia que se passa traz novos *astros* ao firmamento cinematographico, novos favoritos que ás vezes têm duração ephemera como os aerolithos, que n'estas noites limpidas e scintillantes da California surgem de entre um amontoado de estrellas, passam na atmosphera deixando um sulco scintillante, brilham, fulguram por um instante e depois, mais adeante vão se apagar na escuridão.

Não foi essa a carreira d'esse *cow-boy* famoso entre os mais famosos.

Feio, muito feio, rosto esculpido a faca, maxillares de tigre, nem uma physionomia passou até hoje pelo cinema tão expressiva. Era úma mascara tragica nos seus grandes momentos. Em todo o mundo, nos films da Triangle e depois nos da Paramount, William Hart despertou admirações. Alguns dos seus papeis o tornaram celebre. Estava eu em Paris quando da guerra e verdadeiras multidões se apinhavam á porta dos cinemas para verem *Rio Jim*.

Da sua vida se sabia que elle vivia com uma irmã, Mary, como elle solteira, muito unidos sempre; era ella a sua *ménagere*.

Não se lhe conheciam amores, no meio cinematographico, tão fertil em aventuras galantes. Entretanto Hart trabalhara, tivera nos braços, beijara muitas das mais lindas *estrellas* da tela.

William Hart e sua esposa Winifred Westover, pouco antes do seu casamento.

A todas se referia com ternura e amisade. Quanto a amores porém, mal se lhe fallava n'isso, sua physionomia embruscava-se. Corriam lendas ácerca de um amor contrariado, nos tempos de sua extrema mocidade. Esse solteirão impenitente despertava ardentes curiosidades, sobretudo nos meios femininos...

Foi a sua derradeira *leading-woman*, Winifred Westover, uma sueca loura, de olhos azues como verbenas, cabellos claros como os trigaes maduros, que amolleceu o coração de Hart. E um dia, inesperadamente, cahiu em Hollywood a noticia bomba — William Hart ia se casar.

Pessoas houve que prognosticaram logo que a esposa de Hart seria infeliz. O lar do artista tinha uma governante que difficilmente abdicaria dos direitos por tantos annos usufruidos. E toda a mulher casada quer mandar em seu lar, é talvez mais ciosa d'isso do que dos actos do marido.

Realisou-se o matrimonio.

Discretamente.

Os jornaes entretanto e as revistas cinematographicas occuparam-se longamente do assumpto.

Depois, fez-se um profundo silencio em torno do casal.

Oito mezes apenas decorridos, Winifred Westover, apesar do seu adeantado estado de gravidez, abandonava o domicilio conjugal.

Quaes os motivos ?

Que teria levado a gentilissima ex-actriz a abandonar o marido ?

Attritos com Mary Hart ?

Incompatibilidade de genios ?

✣

A separação fez-se definitiva. Mezes decorridos, Winifred fazia William Hart pae de um robusto pimpolho.

Apesar da separação, Hart foi inegualavel nos delicados cuidados que prestava a mãe e filho.

Nada faltou, nada tem faltado a ambos. O pequeno, que é um encanto, teve logo assegurada uma renda sobre um capital de 125 mil dollars, desde a data

O Licor

DE

Tayuyá

DE

S. João da Barra

Depurativo e anti-rheumatico

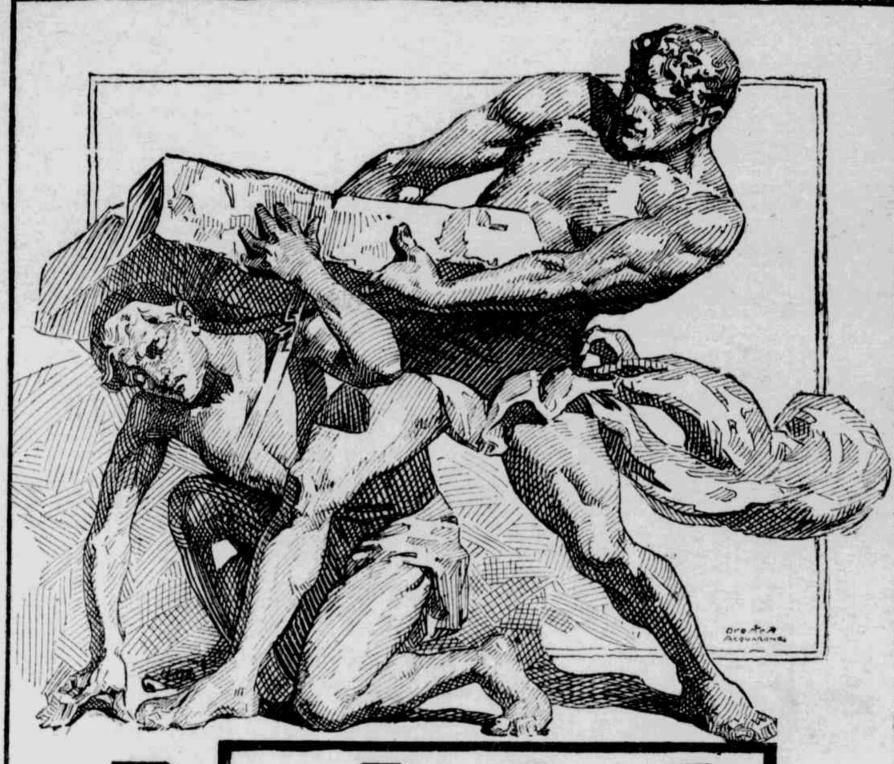
que, além de eliminar do organismo o terrivel virus syphilitico, tem a vantagem de regularisar e activar as digestões, despertar o appetite, e dest'arte levantar as forças do doente, tornando-o FORTE E BEM DISPOSTO.

E' um remedio de sabor agradavel, facilmente acceito pelos doentes, bem tolerado pelo estomago o mais fraco e que póde ser usado constantemente, sem que em nada prejudique o organismo e sem que, por si, requeira dieta alguma. Não é um remedio novo; é de ha muito conhecido e usado por medicos e particulares, que d'elle têm feito os mais francos elogios como provam os innumeros attestados que possuimos.

A' VENDA EM QUALQUER PHARMACIA E DROGARIA DO BRASIL E REPUBLICAS DO PRATA

DEPOSITARIOS:

ARAUJO FREITAS & CIA.

RUA DOS OURIVES 88. — RIO.

NutrioN

O "Nutrion" é o mais poderoso dos Tonicos: fortifica o corpo e restaura as energias organicas. — Cada vidro de "Nutrion" é um reservatorio de Força e de Saude. O "Nutrion" é o melhor Remedio

contra o Cançasso e o Abatimento,

quer physico, quer cerebral, contra o exgottamento nervoso, contra a debilidade. — O "Nutrion" é o Remedio dos desnutridos e Depauperados; combate com vigor a Fraqueza, a Magreza e o Fastio.

O THESOURO AFUNDADO

(*Fim*)

lhe enfrentar vantajosamente o adversario até que elle rolou pesadamente no chão. Um relampago então illuminou o cerebro de Leslie: quem sabe se o general não trazia alli comsigo a carta indicando o logar onde havia naufragado o navio com o thesouro? E precipitamente ella se atirou á pesquisa, revolvendo os bolsos do homem adormecido. O seu instincto não mentira e ella se apoderou do mappa, atravessando cautelosamente portas e salas até se encontrar na rua. Emquanto voava para o hotel n'um *taxi*, Leslie pensava no partido a tomar para se furtar aos filas policiaes que o general não deixaria de soltar atraz d'ella, logo que desse por falta do documento. Permanecer no hotel em que estava, voltar de trem para a Escocia, resultaria na sua captura; restava um meio: a motocycletta. Vestindo-se com um costume d'esse *sport*, Leslie foi a uma casa, alugou a machina que desejava e aproou para as terras altas do seu paiz.

Quando uma hora mais tarde Lanzana voltou a si do somno profundo em que o abatera o narcotico, deu-se tudo quanto previra Leslie, furioso, fóra de si, o homem levou queixa immediata á policia e chamou tambem varios *detectives* particulares, promettendo uma gorda recompensa pela captura da "ladra que lhe roubara papeis da mais alta importancia".

As principaes garages de Londres foram visitadas e n'uma d'ellas soube-se da passagem de uma moça que havia alugado uma motocycletta.

— E' ella! não ha duvida, bradou o general, conhecendo a excellente motocyclista que era Leslie.

E um automovel de motor poderoso partiu como um raio caminho da Escocia.

O general tinha rasão, porque a cerca de vinte milhas de Londres os homens do automovel divisaram na sua frente uma motocycletta, a devorar o espaço.

A motocyclista por sua vez não se illudiu com a qualidade do auto que surgira ao longe atraz d'ella, e a perseguição iniciou-se doida, encarniçada, mantendo a cyclista, graças á sua habilidade, sempre a mesma distancia entre si e os seus perseguidores. A corrida continuou por toda a noite, até que com os primeiros clarões da madrugada, Leslie viu-se em logares que começavam a lhe ser familiares. Pensou então em tirar vantagem d'essa circumstancia para illudir os que lhe vinham no encalço. A algumas milhas adeante a estrada era cortada por uma ponte estreitissima; uma motocyclista destemida podia arriscar-se por ella confiando no seu sangue frio e habilidade, mas um automovel correria á catastrophe, se tal ousasse. Leslie deu novo impulso á marcha do seu vehiculo e alguns minutos depois attingia a ponte pela qual enveredou, encommendando a alma a Deus.

Sã e salva do outro lado, ella voltou-se para ver os seus perseguidores parados (pensava ella) deante do obstaculo, mas estarreceu de assombro, verificando que elles mettiam o carro sobre o passo perigoso. E o resultado não se fez esperar: o automovel despenhou-se no abysmo, levando comsigo os imprudentes que haviam desafiado a morte.

Livre da perseguição, Leslie continuou a sua viagem, agora tranquillamente, se bem que com a mesma ancia de chegar, e quando chegou ao castello de Lord Glendayr havia batido o *record* de tempo, em carro motor de qualquer especie, entre Londres e aquelle ponto da terra escocesa. Lord Glendayr recebeu com effusão a prova de amor que lhe dava Leslie e declarou associal-a aos resultados do seu emprehendimento, ao qual metteria hombros immediatamente, pois Lanzana não deixaria de apressar-se, agora que sabia um outro conhecer a localisação do thesouro.

Com um grupo de escaphandristas sob suas ordens, Lord Glendayr partiu para as pesquisas submarinas e não foi difficil a elle e aos seus auxiliares descobrirem o navio. Mas quando penetraram no casco do navio naufragado, perceberam que ha-

sido precedidos por alguem. Glendayr não hesitou um momento sobre a identidade do rival, e poz-se a procural-o. Não levou muito a encontrar o general mettido em apparelho de escaphandrista, e apesar do disfarce os dois rivaes quando se defrontaram reconheceram-se como se se houvessem encontrado n'um chá social. Instinctivamente atiraram-se um ao outro e entre os dois monstros informes feriu-se a mais tremenda batalha de que já foram scenario as profundesas do oceano. Protegidos pelas roupas resistentes os seus golpes eram reciprocamente de nenhum effeito, mas Glendayr conseguiu cortar os tubos conductores de ar de Lanzana e um instante apoz este tombava asphyxiado, sepultando-se para sempre no seio das aguas. A unica opposição á posse do thesouro desapparecera e Lord Glendayr foi reconhecido legitimo senhor e possuidor da immensa riquesa.

É como nos contos de fada, pouco depois realisava-se no castello de Glendayr uma festa sumptuosa para celebrar o casamento de Leslie Mac Leod com o joven Lord de Glendayr, que afinal iniciavam juntos, de braços dados, a grande viagem da felicidade.

OLIVER TWIST

(Fim)

para desejar fazer do pequeno Oliver um criminoso. Pouco depois do garotinho haver chegado a Londres, o judeu recebeu a visita de um certo Monk e este lhe contou que aquella creança era seu irmão por parte de pae e um obstaculo entre elle Monk e a fortuna paterna.

O testamento do fallecido continha uma clausula que legava a Oliver todos os bens se elle attingisse a edade de 21 annos sem commetter qualquer acto infamante.

"Fazei d'elle um ladrão, declarou Monk, de sorte que isso se torne publico, e tereis uma boa recompensa."

E foi o proprio Monk quem se encarregou de planejar um assalto da quadrilha do judeu, com o fim de arrastar o pequeno Oliver, afim de que elle fosse colhido pela policia.

O plano foi posto em pratica na mesma noite do dia em que Oliver havia sido arrebatado por Nancy, e apesar da sua resistencia elle não teve remedio senão accompanhar os scelerados.

Na casa visada obrigaram-n'o a penetrar por uma estreita janella, que só um corpinho como o d'elle poderia transpor, disseram-lhe, uma vez dentro, que elle abriria a porta aos restantes companheiros.

Mas Oliver estava disposto a não pactuar com os ladrões que enchiam de horror á sua consciencia fundamentalmente honesta, e logo que se apanhou no interior do edificio, poz-se a gritar, pedindo por soccorro. Mas seus gritos foram abafados por um tiro disparado por um dos comparsas.

Quando mais tarde abriu os olhos, Oliver encontrou-se n'um grande leito, entre a alvura do linho e sob cortinados de ricas ramagens. Elle estava em casa de Miss Rose Maylie e de sua tia, informou-o o medico. Oliver fez um esforço de memoria e lembrou-se do que se havia passado.

Quando explicou a rasão do seu ferimento, Miss Maylie animou-o enternecida, declarando que não o deixaria partir emquanto elle não ficasse bom ou ella não encontrasse seus paes.

Era coisa que nunca tivera, disse Oliver, e a moça ouviu tambem a sua historia. Restava, pois, procurar o Sr. Brownlow, que ignorava o paradeiro do seu protegido, e o homem não tardou a ser prevenido por Miss Maylie.

Fagin, porém, e o seu bando não desanimavam de recapturar a sua presa e os seus planos agora eram mais negros — supprimir definitivamente o pequeno.

Nancy pela primeira vez na sua vida teve um impulso generoso, recusando-se a tomar parte em qualquer combinação que molestasse a pobre creança. E fez mais: illudindo a vigilancia dos seus companheiros, poz Miss Maylie ao corrente do *complot* tramado contra a vida de Oliver.

A traição foi descoberta e no dia seguinte ella foi encontrada n'uma poça de sangue no seu quarto: seu amante Bill Sikes dera-lhes a recompensa poupando ao mesmo tempo á policia novos trabalhos, pois não tardava a entregar-se ao Diabo, enforcado accidentalmente. Emquanto isso, Brownlow punha-se em campo e descobrira o tal Monk, arrancava d'elle a confissão da sua torpesa e vinha annunciar a Oliver que elle era o unico herdeiro de uma grande fortuna.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

COISA RUIM (Rio) — Espirito fino, muito vibrante e ao mesmo tempo bem ponderado. Um dos signaes d'esta ultima qualidade é a pratica da economia e do amor ao dinheiro. Chega a passar por avarento, mas é exaggero da apreciação. Ambicioso, isso sim; e de pouca philanthropia, tambem; mas não duvida ser franco e generoso para certa e determinada gente. Muito voluntarioso. Raras vezes concorda em recuar ou mudar de opinião, apesar da amenidade espiritual que o caracterisa.

SOBERANA (Maceió) — O traço mais caracteristico é o do excellente conceito que faz de si mesma; e admira como hesitou tanto em fazer o estudo graphologico; a menos que receasse a denuncia de sua vaidadesinha. Não faz mal. E' até um attributo apreciavel do sexo, mórmente quando, como no seu caso, não affecta a expansibilidade do espirito. Tem algum idealismo que, aliaz, procura esconder. Prefere mostrar a sua propensão e o seu interesse pelas coisas praticas da vida. Ha que censurar uma certa friesa de coração, quer para o amor, quer deante do infortunio alheio.

YNEG (Parahyba do Sul) — Naturesa muito independente, mas com mais perspicacia que propriamente força. Possue tambem muita audacia, não para iniciativas mas para dizer o que sente em qualquer parte e perante qualquer auditorio. E'-lhe familiar o assomo da colera, mas sabe sopitar suas manifestações externas. Tem rectidão de espirito, mesmo quando se arrebata e o coração é bondoso, não obstante perfeitamente governado pela cabeça.

LADICE (?) — Ha na sua graphia o espelho do seu caracter firme, sobrio, delicado, animado por um espirito sereno, claro e apparentemente modesto. Vontade muito discreta, cheia, porém, de grande firmesa. Predomina o traço deductivo, assignalando a comprehensão pratica da vida. Sem embargo, idealisa alguma coisa de cuja realisação já tem certesa, tal a confiança que em si deposita. O seu coração é doce, cheio de bondade caritativa, mas um tanto esquivo ao amor.

EDSA (Rio) — Do seu autographo póde-se deduzir uma personalidade de excellentes qualidades intellectuaes. E' a primeira impressão. Depois vemos um espirito rasoavelmente vibrante, de muita perspicacia, embora muito idealista. A sua vontade não é muito forte nem muito constante. Descobre-se facilmente uma tendencia, senão para a preguiça, ao menos para largos periodos de descanço. E' simples, apparentemente modesto e um tanto sceptico. Tem um bello coração, sobresahindo n'elle a face philanthropica.

GAZOPHILO (S. Paulo) — Nada podemos accrescentar ao estudo feito. Mesmo porque escasseia muito o espaço e ha centenas de pretendentes ao conhecimento do que é essencial para determinar uma individualidade.

MANVOLITA (Santos) — Temperamento calmo e chão, que se mostra sempre satisfeito por não alimentar outras ambições além da tranquillidade da sua consciencia recta.

Sua vontade é forte, sem estardalhaço. Não cede em questões de dignidade. Apenas é tolerante aos assedios do amor. alisa pouco.

LOBERFFCRAKES (Rio) — O traço mais evidente é o da vontade, a qual tem força e tenacidade para realisar todos os desejos, quer os naturaes, quer os que representam ambições desmedidas. Espirito claro e activo, está sempre prompto e apparelhado para a lucta, a que se atira sem hesitações e até com enthusiasmo. Deve ser uma vencedora na vida. E tambem uma creatura encantadora, pois possue um bello coração, cheio de ternura e philanthropia.

ROSE DE TOUT LE MONDE (São Paulo) — Naturesa sonhadora, cheia de requintes de delicadesa, mas de espirito um tanto frio, por mais que procure luctar contra esse pequeno defeito... E' que uma idéa fixa talvez a preoccupe demasiadamente e lhe tire mesmo alguma coisa da exuberancia que devia ter. O seu querer é pouco definido, ou, melhor, irregular. Ainda se não firmou sufficientemente, nem n'aquillo que mais a deve interessar na vida pratica. Seu coração, muito bondoso, classifica-a no numero das creaturas com quem todos os desventurados da sorte podem contar. Tenha-se, portanto, na conta de uma individualidade util e preciosa.

ALMANACH
DO
O TICO-TICO
PARA 1924
O.S

Couplet de los Platillos

DA REVISTA "ARCO IRIS"

Leitra de Tomás Borrás

Musica dos maestros Juan Aulí e Julian Benlloch

Dará todos...

ca-ba-ret ca-ba-ret cuando o-fre-ce al con-cu-
el cu-plé el cu-plé ha de ser con la pre-

rren-te la o-ca-sión de u-na a-ma-ble y bu-lli-cio-sa di-ver-sión
ci-sa con-di-ción de to-car con ver-da-de-ra a-fi-na-ción

rall

a tempo

quien me quie-ra a-com-pa-ñar pue-da a-sí tam-bien so-nar y go-
si se quie-re di-ver-tir y el cu-plé vol-ver a o-ir y re-

rall

a tempo

zar al to-car sin fa-llar Pruebe us-ted sin tar-
ir al sen-tir me de-cir To-que us-ted o-tra

a tempo

dar pruebe us-ted de es-te gra-to so-nar pruebe us-
vez toque us-ted que yo le se-gui-ré toque us-

ted y ve-rá que pla-cer da el po-der
ted y ve-rá que pla-cer da el po-der

to-car
to-car

fff

Off. graphica d'O MALHO